

Jordana Cristina de Jesus

Gerações Sanduíche no Brasil

Belo Horizonte, MG
UFMG/ CEDEPLAR
2015

Jordana Cristina de Jesus

Gerações Sanduíche no Brasil

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Demografia.

Orientador: Professora Simone Wajnman

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2015

Folha de Aprovação

Aos amigos que fiz no Cedeplar.

AGRADECIMENTOS

Estou tomada por um sentimento de que tudo valeu a pena. Uma vez ouvi “quer conhecer alguém, leia seus agradecimentos”. Que estranha missão esta, de se demonstrar grato, deixar tal gratidão registrada e se desvelar.

Começo por minha mãe. Ela que dedicou sua vida desde tão jovem à formação das pessoas de grandes sonhos que hoje somos. Muito obrigada por seu apoio incondicional. Meus irmãos queridos, fonte de tanta alegria, João, Sabrina, Léo e Otávio, que fazem qualquer caminhada mais leve.

Agradeço à Sabrina Amélia, companheira desde os tempos iniciais da graduação. Muitas vezes ela estava saindo para trabalhar e eu estava indo dormir e ela sempre dizia: Jô, você precisa dormir, por favor. Nela eu encontro apoio para toda e qualquer situação. Ela fez a minha estadia em Belo Horizonte mais doce. E também agradeço a uma doce moça piauiense, Tana, que passou pela minha casa durante o mestrado e, às vezes, ainda tenho a sensação de que estará lá me esperando chegar da faculdade, para falarmos da vida e concordamos em “como essa história de mestrado é puxada”.

Agradeço com imenso carinho a todos os professores do Cedeplar, em especial à professora Simone Wajnman. Meu mais sincero agradecimento pela tranquila e frutífera orientação. Inúmeras vezes cumpriu mais papel de mãe do que de orientadora, o que faz especial sentido já que compartilhamos este apreço pela Demografia da Família. Apreço esse que ela tem total responsabilidade por eu ter adquirido.

Um “valeu gente” para os amigos que fiz no Cedeplar, das coortes 2013 e 2014. Em especial Alan, Vanessa, Crislaine, Laura, Willy, Ana Julia, Karla e Rafa. E também para a parceria Cedeplar/Nepo, Fernanda. E à Julia por tantas madrugadas compartilhadas.

É sempre oportuno agradecer também ao corpo técnico do Cedeplar, em especial à Cecília e Sebastião, sempre empenhados e dispostos no dia-a-dia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDEPLAR – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional

GS – Geração Sanduíche

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
REVISÃO DA LITERATURA	19
FONTE DE DADOS E METODOLOGIA	32
Condição de saúde	38
Mercado de trabalho	40
Atividade doméstica	41
RESULTADOS	43
Análise da condição de saúde	61
Análise da inserção no mercado de trabalho	64
Análise da atividade doméstica	68
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	75

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Variação das definições de Geração Sanduíche na literatura	24
Figura 2 - Estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS	33
Gráfico 1 – Proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade por grupos de idade que possuem filho(s) e mãe sobreviventes. Brasil, 2008.	44
Gráfico 2 - Proporção por grupos de idade das mulheres de 15 a 69 anos de idade com mãe e filho(s) vivos, que corresidem simultaneamente com ambas as gerações. Brasil, 2008.....	46
Gráfico 3 - Proporção por grupo de idade de mulheres que corresidem com mãe e filho que possuem cômjuge no domicílio. Brasil, 2008.....	47
Gráfico 4 - Proporção por grupo de idade de mulheres com filho, mãe e ambos potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem. Brasil, 2008.	52
Gráfico 5 – Distribuição do principal motivo de morar no domicílio com outra(s) família(s) e intenção de constituir outro núcleo domiciliar a curto ou médio prazo da GS e das mulheres de 15 a 24 que corresidem com mãe e filho(s). Brasil, 2008.	57
Gráfico 6– Número médio de horas dedicadas normalmente por semana aos afazeres domésticos pelas mulheres de 40 a 49 anos, segundo o pertencimento à GS. Brasil, 2008.	68
Gráfico 7- Número médio de horas totais dedicadas aos afazeres domésticos e ao mercado de trabalho pelas mulheres de 40 a 49 anos, segundo o pertencimento à GS. Brasil, 2008.	69
Quadro 1 - Relação das Variáveis utilizadas no modelo de regressão logística para estimar a probabilidade de auto declaração de um estado de saúde bom ou muito bom.....	39
Quadro 2 - Variáveis explicativas e de controle do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento de todos os trabalhos para mulheres de 40 a 49 anos em contexto de cossobrevivência. Brasil, 2008.....	40
Quadro 3 - Variáveis explicativas e de controle do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento/hora de todos os trabalhos para mulheres de 40 a 49 anos em contexto de cossobrevivência. Brasil, 2008.....	41
Tabela 1 - Proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade por grupos de idade segundo a sobrevivência das gerações ascendente e descendente. Brasil, 2008.....	43
Tabela 2 - Características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 30 a 39 anos com mãe e filho(s) vivos. Brasil, 2008.	45
Tabela 3 - Proporção por grupos de idade das mulheres de 15 a 69 anos de idade com mãe e filho(s) vivos, que corresidem simultaneamente com ambas as gerações. Brasil, 2008.....	46

Tabela 4 - Características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 15 a 24 anos corresidentes com filho(s) e mãe e das mulheres com mãe e filho vivos mas não simultaneamente corresidentes. Brasil, 2008.	49
Tabela 5 - Proporção por grupo de idade de mulheres com filhos e mãe potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem. Brasil, 2008.	51
Tabela 6 – Características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 40 a 49 anos, segundo a presença de demandas potenciais simultâneas no domicílio. Brasil, 2008.	53
Tabela 7 - Frequência e distribuição relativa da população feminina de 15 a 69 anos de idade segundo cenários de cossobrevivência e corresidência com filho(s) e mãe. Brasil, 2008.	54
Tabela 8 - Rendimento mensal de todas as fontes para Ego e para a geração das mães de Ego, para os grupos de maior corresidência e de maiores demandas potenciais. Brasil, 2008.	55
Tabela 9 – Distribuição das mulheres que moram com mãe e filho(s) por número da família no domicílio a que pertencem. Brasil, 2008.	56
Tabela 10 - Características sociodemográficas das mães de Egos jovens, com idade entre 15 e 24 anos e das mulheres médias do intervalo de 39 a 57 anos. Brasil, 2008.	58
Tabela 11- Características sociodemográficas das mães de Egos com idade entre 40 e 59 anos e das mulheres médias do intervalo de 63 a 83 anos. Brasil, 2008.	59
Tabela 12 - Percentual de avaliação do próprio estado de saúde como bom ou muito bom, para a GS e as mulheres 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho não potencialmente demandantes simultaneamente. Brasil, 2008.	61
Tabela 13 – Percentual de avaliação de saúde, para a GS e as mulheres 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho não potencialmente demandantes simultaneamente. Brasil, 2008.	62
Tabela 14 - Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas do modelo de regressão estimado para as mulheres de 40 a 49 com mãe e filho no domicílio. Brasil, 2008.	63
Tabela 15 - Distribuição relativa da variável Região, empregada no modelo de regressão estimado para as mulheres de 40 a 49 com mãe e filho corresidentes. Brasil, 2008.	63
Tabela 16 - Coeficientes estimados a partir de modelo logístico para a probabilidade de declarar a própria saúde como muito ruim ou ruim, para as mulheres de 40 a 49 anos com mãe e filho(s) vivos. Brasil, 2008.	64
Tabela 17 - Taxa de atividade econômica e de ocupação da GS e das mulheres 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho não potencialmente demandantes simultaneamente. Brasil, 2008.	65

Tabela 18 - Estatísticas descritivas de característica de inserção no mercado de trabalho para as mulheres de 40 a 49 ocupadas na semana de referência, segundo pertencimento às GS. Brasil, 2008.	66
Tabela 19- Resultado do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento de todos os trabalhos para mulheres de 40 a 49 anos com mãe filho do domicílio. Brasil, 2008.	66
Tabela 20 - Resultado do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento/hora de todos os trabalhos para mulheres de 40 a 49 anos com mãe e filho no domicílio. Brasil, 2008.	67

RESUMO

O termo “Geração Sanduíche” (GS) tem sido utilizado na literatura internacional para descrever os adultos comprimidos simultaneamente por demandas de seus filhos e de seus pais, sendo que as mulheres são mais propensas a ocuparem esse papel. Na literatura brasileira, a pesquisa sobre os efeitos de se ocupar múltiplos papéis centrou-se basicamente na temática de mercado de trabalho e criação de filhos, negligenciando as demandas por parte dos idosos. Os objetivos deste trabalho são, em primeiro lugar, identificar, empiricamente, qual é o grupo de mulheres que pode ser considerado GS no Brasil. E, em segundo lugar, verificar se o pertencimento a essa geração se associa a piores condições de saúde, inserção no mercado de trabalho e de atividade doméstica, como tem sido discutido na literatura internacional. A análise foi feita a partir da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios de 2008. Demonstrou-se que o grupo que parece melhor representar a GS no Brasil são as mulheres de 40 a 49 anos que lidam com demandas potenciais das gerações corresidentes de mãe e de filho(s). Com base nesta definição e, em concordância com a literatura internacional, observou-se uma baixa prevalência de GS entre as mulheres adultas no Brasil. No momento do ciclo de vida com maiores chances de demandas simultâneas no domicílio, apenas 11% das mulheres sob o risco de ensanduichamento estavam de fato em tal situação. Demonstrou-se que, do ponto de vista das condições de saúde e de inserção no mercado de trabalho, não há diferenciais significativos entre as mulheres que são dessa geração e aquelas que corresidem com mãe e filho(s) sem que existam demandas potenciais concomitantes por parte dessas gerações. As diferenças encontradas são em relação à atividade doméstica. As mulheres da GS possuem uma carga maior de afazeres domésticos e por isso, seu tempo total de atividades, somando-se as horas de atividades remuneradas, é levemente superior, o que significa que essas mulheres teriam relativamente menos tempo livre. Este trabalho sustenta que o pertencimento à GS não necessariamente se converte em piores cenários para a vida da mulher. É possível encontrar efeitos negativos, mas a magnitude desses efeitos parece ser pequena. O trabalho enfatiza também as severas limitações de uma análise sobre as consequências de se pertencer a uma GS com base unicamente nas pesquisas domiciliares disponíveis no Brasil.

Palavras-chave: geração sanduíche, relações intergeracionais, Brasil

ABSTRACT

The term “Sandwich Generation” (SG) has been used in international literature to describe adults that live compressed between the demands of their children and the aging of their own parents. Women are more likely to occupy that spot in our society. The studies on this theme in Brazil have neglected the demands of the elderly and have focused only on the implications of having a multitude of roles and its effects on the labor market and on raising children. The objectives of this work are first and foremost to identify the women who can be considered SG in Brazil. Secondly, we verify if belonging to this generation is associated with issues regarding health conditions, insertion in the labor market and domestic work, since it has been widely discussed internationally. The analysis was made using the data from the National Household Sample Survey of 2008. The findings show that women that best fit the SG in Brazil are those from the ages of 40 to 49 years that have to deal with the potential demands of coresident mothers and children. Based on that definition and in tune with international literature a low prevalence of SG amongst women in Brazil was observed. In terms of life cycle, this moment where the chances of simultaneous demands in the household are greater only 11% of women that were at risk of belonging to the SG were actually in that situation. From the point of view of health conditions and insertion in the labor market, it was found that there were not any significant differences between the women who were considered SG and the ones who lived with parents and children but did not suffer from any potential demands of either. However, there are differences regarding domestic work. The women from the SG work slightly more if summed the hours of paid labor and the time spent with domestic activities. That is because since they have more domestic duties they end up having less spare time. Therefore this work sustains that belonging to the SG does not necessarily convert into worse outcomes in women’s lives. It is possible to find negative effects but their magnitude seems small. This work also emphasizes on the severe limitations of an analysis of the consequences of belonging to a SG based exclusively on household surveys available in Brazil.

Keywords: sandwich generation, intergenerational relations, Brazil

INTRODUÇÃO

No passado as relações entre mais de duas gerações eram não apenas raras, mas também muito pouco duradouras, isso porque a alta mortalidade impedia que as gerações coexistissem o tempo suficiente que permitisse esse cenário (WAJNMAN, 2012). Entretanto, a maior parte das sociedades experimentaram mudanças importantes em sua dinâmica demográfica, fazendo com que essa situação deixasse de ser exceção na vida das pessoas e passasse a ser comum.

A coexistência de várias gerações é muitas vezes vista de maneira positiva, uma vez que as pessoas agora compartilham períodos de suas vidas com parentes de diferentes faixas etárias e por mais tempo. Por outro lado, a concomitância dessa sobrevivência pode significar uma sobrecarga sobre a geração que ocupa a posição de centralidade entre elas. Essa geração, que tende a fornecer, simultaneamente, cuidados às gerações ascendente e descendente, tem sido nomeada na literatura de Geração Sanduíche.

Nos países desenvolvidos, desde a década de 80, os demógrafos têm chamado a atenção para esse cenário e as tendências de aumento da proporção de pessoas vivendo como gerações "imprensadas". A metáfora de sanduíche é utilizada para descrever a compressão entre gerações. Entre os primeiros estudos tratando do tema, está o de Miller (1981), que define a Geração Sanduíche como os adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos pais sobreviventes e de filhos e/ou netos dependentes. Novas definições foram incorporadas à literatura, dando principalmente foco às mulheres, uma vez que sobre elas recairia a maior parte das demandas de apoio e cuidados (PIERRET, 2002; GRUNDY e HENRETTA, 2006).

Presume-se que a vida como Geração Sanduíche possa ser um pouco estressante. Ter pais idosos e ainda criar ou apoiar seus próprios filhos ou netos representa certos desafios não enfrentados por outros adultos. De fato, grande parte dos estudos dessa geração na literatura internacional ocupa-se de

demonstrar efeitos negativos associados ao fato de estar comprimido¹, tendendo a ignorar possíveis efeitos positivos, como a possibilidade de que as transferências sejam realizadas em mais de uma via entre essas gerações. Uma possibilidade de trocas pouco considerada é a de que as mulheres idosas que estão recebendo algum tipo de cuidado de sua filha podem também estar fornecendo algum tipo de auxílio no cuidado dos netos e acumulando, em certos casos, inclusive o papel de provedora juntamente com a filha.

O Brasil experimentou significativas mudanças demográficas ao longo das últimas décadas que alteraram as tendências da existência de Gerações Sanduíche. Segundo dados do IBGE, a expectativa de vida do brasileiro ao nascer passou de 48,0 anos, na década de 60, para 74,6 anos em 2012. A redução da mortalidade nas idades adultas faz com que cada vez mais indivíduos adultos tenham seus pais ainda vivos. Em 1980, dos adultos de 40 a 60 anos, 43,3% possuíam mãe viva, já em 2010, 54,1% das pessoas desse grupo etário possuíam mãe sobrevivente, o que representava um montante de 24.429.863 brasileiros².

A fecundidade também experimentou significativas alterações e também tem influência sobre a probabilidade de um indivíduo fazer parte dessa geração. Desde a segunda metade da década de 60, essa componente da dinâmica demográfica tem experimentado uma sustentada queda. A taxa de fecundidade total (TFT) no Brasil, em 1960, girava em torno de seis filhos por mulher, sendo que o censo de 2010 demonstrou uma nova TFT de 1,9, abaixo do nível de reposição. Por um lado, quanto menor o nível da fecundidade, menores as demandas descendentes. A quantidade de filhos pode ser um fardo mais pesado do que a própria conciliação entre cuidado simultâneo de gerações. Assim, a queda do número de filhos diminui o fardo total encarado pelas mulheres da Geração Sanduíche (KÜNEMUND, 2006). Por outro lado, a baixa fecundidade levará, nas próximas décadas, a uma tendência de que pessoas de meia idade

¹ Como exemplos tem-se Doress-Worters (1994), Zal (1992) e Roots (1998).

² Censo 1980 e 2010 - Minnesota Population Center. Integrated Public Use Microdata Series, International: Version 6.3 [Machine-readable database]. Minneapolis: University of Minnesota, 2014.

tenham menos irmãos com quem compartilhar a demanda de cuidados por parte dos pais idosos.

Outra implicação da fecundidade sobre a chance de pertencimento a essa geração é a idade em que ela ocorre. A precocidade do primeiro filho antecipa o “ensanduichamento”, já que gera intervalos de idade menores entre as gerações. Essa fecundidade precoce leva a mais uma geração demandante, a geração de netos. Isso faz com que a carga sobre as mulheres aumente, uma vez que elas têm de lidar, simultaneamente, com pais sobreviventes demandando cuidados, filhos enfrentando os desafios da inserção no mercado de trabalho e ainda com as tarefas e custos da procriação dos netos gerados precocemente (WAJNMAN, 2012)

O adiamento da saída da casa dos pais, motivado por trajetórias escolares mais prolongadas e inserção tardia e instável num mercado de trabalho bastante exigente e competitivo (CAMARANO, 2002; GUERREIRO e ABRANTES, 2005) também influencia as chances de ocorrência desse fenômeno. Os filhos tem passado cada vez mais tempo na condição de dependentes economicamente e psicologicamente falando, principalmente quando comparados à geração de seus próprios pais. Em 1980, 27,6% dos homens com idade entre 15 e 29 anos eram chefes, casados ou solteiros, sendo que, em 2000, a proporção era de 24,9%. Para as mulheres, nesse mesmo grupo etário, 39,3% eram chefes, casadas ou solteiras, em 1980 e, em 2000, 36,3% (CAMARANO, 2006). Esse maior tempo vivido pelos filhos na condição de dependentes dos pais significa que as Gerações Sanduíche poderão passar uma parcela crescente de suas vidas fornecendo cuidado a essa geração descendente.

Mesmo com essas mudanças ocorridas no Brasil, a literatura nacional ainda é incipiente sobre questões multigeracionais, principalmente no que tange à Geração Sanduíche. Em parte, isso pode ocorrer porque o estudo dessas relações é muitas vezes dificultado pela ausência de dados. As pesquisas domiciliares fornecem poucos subsídios, já que, como o nome indica, limitam-se a

retratos do domicílio, excluindo as possibilidades de análise de relações e trocas que ocorrem para além desta estrutura física.

Neste trabalho, investiga-se a ocorrência das Gerações Sanduíche no Brasil, discutindo as situações de cossobrevivência³ e corresidência⁴ e de potencial dependência entre três gerações. Para tanto, discutem-se também as possibilidades de análise a partir de uma pesquisa domiciliar como a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios, realizada anualmente pelo IBGE.

Os objetivos são, em primeiro lugar, identificar, empiricamente, qual o grupo de mulheres que podem ser consideradas como integrantes da Geração Sanduíche no Brasil, a partir das fontes de dados atuais e tendo em vista as importantes variações conceituais encontradas na literatura. Em segundo lugar, verificar se o pertencimento a essa geração se associa a algum agravamento de condições de saúde, inserção no mercado de trabalho e atividade doméstica, como tem sido discutido na literatura internacional.

Este trabalho está organizado de forma a apresentar, primeiramente, no capítulo que se segue, uma revisão da literatura, sobre a Geração Sanduíche, discutindo alguns conceitos essenciais, a evolução dos estudos e do debate acerca dos efeitos das mudanças demográficas sobre as tendências dessa geração. Segue-se a isso, no capítulo 2, uma descrição das possibilidades de investigação e das estratégias metodológicas empregadas para a identificação das Gerações Sanduíche no Brasil. No capítulo 3, apresentam-se os resultados, divididos em duas partes, a primeira destinada às análises feitas durante o processo de identificação das Gerações Sanduíche. A segunda parte contém as análises das condições de saúde, mercado de trabalho e atividade doméstica para o grupo que foi identificado como Geração Sanduíche. Segue-se então para

³ O termo cossobrevivência é usado para descrever a sobrevivência simultânea das gerações que serão analisadas. Para os intuitos desse trabalho, o termo é usado sempre que se deseja deixar explícito que a mãe da mulher da Geração Sanduíche está viva, assim como a geração de filho(s), configurando a disponibilidade – ou oferta - desses parentes.

⁴ O termo corresidência é usado para descrever a corresidência simultânea das gerações analisadas. A situação de corresidência é aquela em que a mulher da Geração Sanduíche divide o mesmo domicílio com a mãe e os filhos.

as conclusões, sintetizando e comentando o que foi apresentado ao longo do trabalho.

REVISÃO DA LITERATURA

Desde a década de 80, os demógrafos têm se conscientizado das tendências de aumento de ocorrência de gerações "imprensadas". A metáfora de sanduíche tem sido utilizada para descrever a compressão entre gerações, motivando o termo Geração Sanduíche (GS). Entre os primeiros estudos tratando do tema, está o de Miller (1981), que define a GS como os adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos os pais sobreviventes e de filhos adultos e/ou netos dependentes.

Presume-se que a vida como GS possa ser um pouco estressante. Ter pais idosos e ainda criar ou apoiar seus próprios filhos ou netos representa certos desafios não enfrentados por outros adultos. De fato, grande parte dos estudos da GS se ocupa em demonstrar efeitos negativos associados ao fato de estar comprimido. Brody (1981) iniciou essa linha afirmando que a posição central na família gerava sobrecarga. A autora fez uma notória contribuição no campo de pesquisa sobre idosos, ampliando a compreensão principalmente sobre como as mulheres eram afetadas pelas demandas que esses idosos geravam. Em seu livro "*Women in the Middle*" (1990), a autora entrevistou filhos adultos que cuidavam de seus pais idosos, chamando atenção para o fato de que as mulheres, claramente, forneciam a maior parte dos cuidados exigidos.

Resultados semelhantes, em termos de maior engajamento feminino nesses papéis simultâneos, foram encontrados por Coward e Dwyer (1990). Os autores lançaram mão dos dados de uma pesquisa a nível nacional sobre cuidados de idosos, realizada em 1982 nos EUA. Os resultados revelam que, mesmo existindo uma rede de irmãos em que os cuidados com os pais poderiam ser divididos, as filhas eram predominantemente as mais propensas a prover esse apoio.

Doress-Worters (1994) destaca que o bem-estar das mulheres que ocupam múltiplos papéis, como de cuidar dos filhos e dos pais idosos simultaneamente, pode ser afetado de duas formas. A primeira delas é através de uma demanda por seu tempo, sendo que não existe, em geral, uma mesma exigência dos

homens da família. A segunda forma seria através de restrições de tempo e mobilidade impostas por essas necessidades de cuidados, que acabam por limitar outros papéis sociais, como atuar no mercado de trabalho, por exemplo.

Marks (1998), por sua vez, discute que há efeitos negativos sobre o bem-estar que se dão principalmente pelos importantes conflitos entre as demandas das gerações ascendente e descendente, do trabalho e da carreira. Utilizando os dados do *Wisconsin Longitudinal Study* (1992-1993) a autora demonstrou que se os conflitos entre o trabalho e a família fossem eliminadas, o cuidado dessas gerações seria mais frequentemente associado a efeitos positivos sobre o bem-estar.

Também na década de noventa, Spitze e colegas (1994) analisaram as implicações para bem-estar psicológico (carga, angústia, satisfação com a vida) de adultos da GS. O estudo utilizou dados de uma amostra representativa de homens e mulheres de meia-idade (com idade entre 40 e 65 anos) residentes em Nova York em 1988. Os resultados das análises sugerem que horas a mais de cuidados dispendidos aos pais não estavam associadas a uma diferença significativa de bem-estar, no caso das mulheres. Já para os homens, o que se observou é que mais cuidados dados aos pais se associavam a piores estados de bem-estar. Por outro lado, os cuidados oferecidos pelas mulheres aos filhos estavam associados a melhores condições de bem-estar entre elas. Os autores argumentam, por fim, que as mulheres não são afetadas pela multiplicidade de papéis, enquanto para os homens, os conflitos gerados por essas demandas simultâneas tendem a estar associados a piores quadros de bem-estar.

Apesar de ser razoável supor que o cuidado simultâneo de duas gerações gere uma pior condição de bem-estar para a GS, esse resultado muitas vezes não se observa empiricamente.

Loomis e Booth (1995) utilizaram dados de uma amostra de pessoas casadas, residentes nos EUA para analisar a GS. Os autores concluíram que as responsabilidades familiares simultâneas tinham pouco ou nenhum efeito sobre o bem-estar da GS, mesmo depois de consideradas as horas semanais dedicadas

ao mercado de trabalho. Por conta desses resultados, esses autores colocam em discussão a possibilidade de que a GS seja apenas um mito.

Merzs *et al* (2010) realizaram uma extensa revisão narrativa e quantitativa de estudos individuais sobre a associação entre o apoio dado aos pais idosos e aos filhos e o bem-estar da GS, em um esforço para determinar a direção predominante de efeitos. Os resultados das análises apoiam a noção de que o cuidado de pais idosos está associado a estresse e depressão, mas segundo os autores, os efeitos são muito pequenos. Um ponto importante levantado na discussão realizada nesse trabalho é que o bem-estar dos pais que estão sendo cuidados tende a ser desconsiderado no debate. Os estudos analisados sugerem que os benefícios de receber esses cuidados dos filhos podem ser anulados por sentimentos de dependência indesejada e perda de autonomia.

Em 2001, a AARP, uma organização sem fins lucrativos de idosos norte-americanos com mais de 50 anos, encomendou uma pesquisa a nível nacional com pessoas entre 45 e 55 anos, residentes nos EUA. A pesquisa tinha como intuito investigar a composição dessa geração intermediária, o perfil das famílias das quais faziam parte, suas expectativas e desejos e as implicações de fazer parte dessa geração para a vida desses adultos. Os resultados sugerem que essa “geração do meio” (tradução do termo *in the middle*, utilizado pelos pesquisadores) sente-se, em grande parte do tempo, confortável nessa situação. Assim, para os pesquisadores, esses adultos estão comprimidos, mas não estressados.

Uma investigação semelhante foi realizada no Reino Unido em 2012, pelo *The Money Advice Service*. Os pesquisadores utilizaram uma definição mais ampla de GS, que não necessariamente exigia laços de parentesco entre a GS e as gerações que estão recebendo os cuidados, como segue:

“The ‘sandwich generation’ is a term used to describe the group of people who are simultaneously providing care, including supporting financially, to younger and older generations at the same time” (Hall et al, 2013, p.7).

Os resultados apontam que dois terços dos entrevistados concordavam que cuidar dessas gerações faz com que eles se sintam bem, enquanto 70% deles concordam que cuidar significa que eles têm um melhor relacionamento com seus familiares. Na pesquisa qualitativa, muitos respondentes alegaram não se importar em prestar esse cuidado. Abaixo um trecho de uma das entrevistas:

“I don’t mind it. It’s because it’s my Nan, isn’t it? Like if I had to care for a stranger I’d probably feel different. Because she’s my Nan, I don’t mind washing her hair. They brought me up, they’ve made me who I am today, so it’s not like I owe them, it’s like, it’s just what people do, isn’t it?” (Hall et al, 2013, p.13).

Novamente, as mulheres foram significativamente mais propensas a assumir o papel de cuidadoras simultâneas. Entre elas, 11% estavam, naquele momento, cuidando de múltiplas gerações. Entre os homens, o percentual observado foi de 8%.

Esse estudo aponta ainda que aproximadamente um quarto dos adultos do Reino Unido tenha em algum momento sido um “cuidador sanduíche” e sugere que esse não seja um estado transitório. Mais da metade dos entrevistados relatou ter cuidado simultaneamente de duas gerações por três anos ou mais. Esse período relativamente extenso durante a meia idade poderia colocar em risco a saúde, o bem-estar e o rendimento desses indivíduos.

Existe também uma preocupação na literatura sobre qual é a magnitude desse fenômeno, ou seja, qual é de fato o percentual de pessoas adultas que podem ser classificadas como pertencentes à GS. Para Künemund (2006), os estudos iniciais sobre a GS não previam informações confiáveis da proporção de adultos ensanduichados. A fragilidade que o autor aponta, principalmente nos estudos pioneiros de Brody (1981, 1990) é que a hipótese de que pais sobreviventes, cuidado dos filhos e participação na força de trabalho tipicamente coincidem, não era comprovada por dados empíricos. Isso significa que a característica ressaltada das demandas, a simultaneidade, não tinha sido avaliada de maneira devida. O simples fato de haver mais pais sobreviventes e de maior participação das mulheres no mercado de trabalho, por si só, não deveria ser o

problema. O ponto que deve ser avaliado é a concomitância desses eventos, que poderia então, gerar sobrecarga.

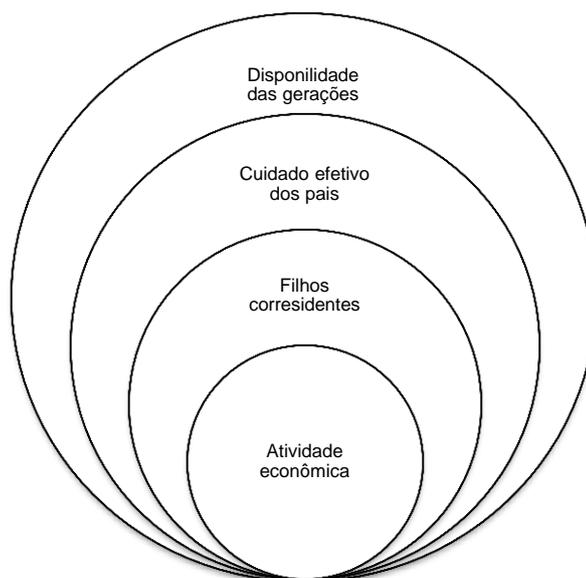
Os achados de Rosenthal et al (1996), com dados do *General Social Survey of Canada*, confirmam tal hipótese, concluindo que estar comprimido entre essas demandas não é o evento típico na vida dos adultos. Pierret (2006), fazendo uso do *National Longitudinal Survey of Young Women* da década de 90, encontrou que apenas 9% das mulheres estadunidenses nas idades entre 40 e 50 anos forneciam apoio substancial para essas gerações demandantes. Uma análise empírica para Suíça, um país caracterizado por uma tradição de formação familiar tardia, ilustra que apenas uma minoria de 6% a 7% de mulheres com idade entre 40 a 49 anos experimentavam a situação de ensanduichamento (Höpflinger e Baumgartner, 1999). Na Grã-Bretanha, as estimativas de Evandrou *et al* (2002) para a proporção de indivíduos na meia-idade que têm várias funções, em termos de trabalho remunerado e cuidado da família é de 2%. Isto é principalmente devido à proporção relativamente pequena (7%) de pessoas nessa faixa etária que está cuidando de um dependente. Resultados mais recentes, como os de Wiemers e Bianchi (2013) apontam que apenas 3% das mulheres nessa posição central fornecia algum tipo de apoio concomitantemente aos pais idosos e aos filhos jovens, em 2007, nos EUA.

Como vários autores destacaram, as definições de apoio e cuidados pessoais assumem papel muito relevante, já que é a partir delas que se criam as medidas da sobrecarga e conseqüentemente, atribuem-se efeitos positivos ou negativos ao fato de ser da GS (KAHN et al 2014, KÜNEMUND, 2006; PIERRET, 2006). Uchino *et al* (1996) sugerem que o cuidado é um conceito multidimensional, que pode ser desagregado, por exemplo, em cuidado instrumental e cuidado emocional.

Essas variações do que seria o cuidado oferecido podem explicar a grande variação dos resultados encontrados sobre o tema. Künemund (2006) destaca que de 1 a 80% dos adultos analisados na literatura podem ser classificados como pertencentes a essa geração. À medida que se caminha de definições mais

amplas, que exigem apenas a sobrevivência de tais gerações para aquelas mais precisas, que exigem concomitância de cuidado efetivo aos pais, filhos corresidentes e participação na força de trabalho, naturalmente, a proporção de pessoas da GS diminui (Figura 1).

Figura 1 - Variação das definições de Geração Sanduíche na literatura



Fonte: Reproduzido da revisão de Künemund, 2006.

Não apenas a definição de cuidado interfere nas proporções observadas de pessoas pertencentes à GS, mas também o momento do ciclo de vida desses adultos analisados. Um termo comum utilizado na literatura é meia-idade. Esse termo é utilizado para as definições mais amplas de GS como adultos em meia idade que simultaneamente criam seus filhos e oferecem apoio a seus pais idosos e frágeis (Grundy e Henretta, 2006).

Mesmo entre fatores mais diretos, ainda há importantes variações nos estudos. Grundy e Hernetta (2006) consideram as mulheres com idade entre 55 e 69 anos, já Pierret (2006) estima qual é a parcela das mulheres de 40 a 50 anos que fazem parte da GS. A amostra do estudo de Fingerman et al (2010) incluiu adultos entre 40 e 60 anos, não apenas mulheres, e Henretta et al (2001), delimitam seu estudo para as mulheres de 55 a 63 anos, enquanto Wiemers e Bianchi (2013) utilizam o intervalo de 45 a 64 anos.

Apesar das muitas diferenças entre os estudos, alguns resultados parecem ser consistentes (KAHN et al 2014). De acordo com a literatura mais ampla sobre transferências intergeracionais, os filhos tendem a receber apoio financeiro e coresidência (BIANCHI et al, 2008). Pierret (2006) também aponta que o grande volume de transferência financeira da GS vai para os próprios filhos, não para seus pais. Os pais então estariam recebendo, em geral, transferências mais difíceis de serem medidas, como cuidados instrumentais.

Para investigar como essas transferências são equacionadas e divididas entre as gerações ascendente e descendente, Grundy e Hernetta (2006) apresentaram uma análise dos dados de duas pesquisas nacionais comparáveis, da Grã-Bretanha e Estados Unidos. Os resultados mostram que, entre as mulheres de meia-idade desses dois países, oferecer apoio a um ou mais filhos adultos aumenta a chance de também dar ajuda a um pai idoso ou sogro, e vice-versa.

Fingerman et al (2010) também encontraram resultados semelhantes na comparação entre as transferências para as gerações ascendente e descendente. Eles também investigaram como os suportes a essas gerações estão associados, para a Filadélfia, em 2001. Os resultados revelaram que a maioria dos participantes da pesquisa provê, em média, mais suporte a seus filhos do que a seus pais. E ainda, que esses adultos proveem mais suporte a seus descendentes porque eles são vistos como mais importantes do que os pais. Verifica-se, portanto que a GS responde de maneira distinta a diferentes demandas de suas gerações ascendente e descendente.

Não parece haver consenso na literatura sobre qual é a tendência esperada para essa geração. Alguns autores apostam que sua representatividade deva crescer, enquanto outros acreditam que a frequência relativa de tal fenômeno poderá diminuir nas próximas décadas. Sabe-se que três principais forças demográficas afetam a probabilidade de estar situado entre gerações: o nível de mortalidade, o nível da fecundidade e a idade à fecundidade (Mason e Zagheni, 2014).

De um lado, alguns autores argumentam que nos próximos anos as tendências demográficas farão com que recaia sobre um número relativamente menor de ombros as demandas e que o risco de se tornar um cuidador em algum momento ou em várias fases ao longo da vida tenderá a aumentar (KANH et al, 2014). Os resultados de Mason e Zagheni (2014), por sua vez, apontam para uma tendência global de queda da GS, com algumas importantes diferenças entre regiões do mundo, como na África, onde o esperado são proporções elevadas de pessoas “ensanduichadas” nas próximas décadas. Künemund (2006) também vê possibilidades de diminuição desse fenômeno. Um primeiro fator colocado pelo autor é a própria morbidade. Supondo que se enfrente uma compressão da morbidade na velhice - não uma expansão -, a idade média em que os cuidados dos pais tornam-se necessários deve aumentar no futuro. É plausível supor que um número crescente de mulheres que cuidam da mãe idosa já estará em sua idade de aposentadoria, fazendo com que essa demanda não concorra com trabalho, tornando, portanto, o fenômeno menos relevante no futuro. E, uma vez que a distância média em anos entre as gerações dentro de uma família aumenta, a idade média em que os cuidados com os pais idosos passam a ser mais relevantes deve se alterar menos em comparação ao aumento expectativa de vida.

Uma vez que o risco de ser ensanduichado entre duas gerações depende tanto da longevidade da geração mais velha, bem como das diferenças de idade entre as gerações, não é de se estranhar que as gerações anteriores, que experimentaram menor expectativa de vida e estavam espaçadas em menores intervalos devido a idades precoces à fecundidade, não fossem tão sobrecarregadas. Havia menos pais criando filhos que tinham pais idosos ainda vivos e menos filhos adultos de pais idosos ainda tinham filhos dependentes no momento em que os próprios pais demandavam apoio. As atuais tendências, como de adiamento da fecundidade, bem como um número crescente de segundas famílias formadas através de recasamentos (CHERLIN e FURSTENBERG, 1994) ou coabitação pós-divórcio (BUMPASS et al, 1995) e as resultantes diferenças de idade entre pais e filhos pode significar que mais adultos

de meia-idade estarão na situação de equacionar as necessidades simultâneas de filhos dependentes, bem como de pais idosos demandantes.

Do ponto de vista da geração de filhos, uma importante força atuante é o adiamento da independência econômica e psicológica dos pais. As gerações mais jovens agora levam mais tempo para fazer a transição para a vida adulta, estendendo o tempo de demandas que recai sobre a GS (SETTERSTEN e RAY, 2010). Sironi e Furstenberg (2012) apontam que para jovens dos EUA, alcançar a independência econômica é mais difícil atualmente do que era no final de 1980 e, especialmente, na década de 1970. O maior tempo dedicado à formação de capital humano tem estendido o período de dependência financeira dos pais em famílias mais ricas (SCHOENI e ROSS 2005). Na medida em que os jovens adultos levam mais tempo para estabelecer-se seja na carreira ou primeiro casamento, há um aumento das exigências sobre a GS (SELTZER et al 2010).

Quanto às gerações ascendentes, considerando as tendências de mortalidade e morbidade, acredita-se que o aumento contínuo da longevidade levará a proporções crescentes de adultos com pais sobreviventes em idades avançadas, muitas vezes em situação de fragilidade e deficiência (MINIÑO et al., 2011).

Um ponto que merece menção é que as forças que condicionam a chance de um adulto ser da GS - o nível de mortalidade, o nível da fecundidade e a idade à fecundidade – não são experimentadas de maneira homogênea entre distintos grupos socioeconômicos. Indivíduos de grupos de menor escolaridade, de backgrounds econômicos de privação tendem a ter menor esperança de vida, menores idades à fecundidade e maior número de filhos. A relação entre esses diferenciais e as chances de fazer parte da GS começou a ser avaliada recentemente, no trabalho de Wiemers e Bianchi (2014). Os autores se valeram dos dados do *Panel Study of Income Dynamics* de 1988 e 2007 e analisaram mulheres da GS com idade entre 45 e 64 anos. As mulheres brancas são mais propensas a ter pais sobreviventes do que as mulheres negras. Não foram encontradas grandes diferenças entre negras e brancas na probabilidade de ter

filhos em 1988. No entanto, a fração de mulheres sem filhos aumentou para as brancas entre 1988 e 2007, enquanto a fração de mulheres sem filhos diminuiu ligeiramente para os negros durante o mesmo período. Em 2007, as mulheres brancas tinham cinco pontos percentuais a menos de propensão a ter filhos do que os negros. Apesar de serem mais propensas a ter filhos, as mulheres negras são menos propensas a serem impensadas entre gerações do que as mulheres brancas.

O que essa vasta quantidade de estudos e o debate alçado demonstram é que o tema GS tem sido bem tratado na literatura internacional, ao contrário do que ocorre na literatura brasileira.

Na literatura brasileira, a pesquisa sobre o efeito de se ocupar múltiplos papéis centrou-se basicamente na temática de mercado de trabalho e criação de filhos, negligenciando as demandas por parte dos idosos. Cabe ressaltar que as investigações das mulheres que ocupam múltiplos papéis são especialmente importantes no Brasil porque o país possui um sistema familista de cuidados. Um sistema familista é aquele em que a família deve ser o principal responsável pelo bem-estar dos seus membros, sejam eles filhos, idosos ou portadores de alguma deficiência (Esping-Andersen; 1999). Essa característica não é exclusividade do Brasil, já que políticas de cuidados em instituições de longa permanência não constituem uma prática comum nos demais países do Hemisfério Sul. Assim, tem-se, de um lado, um modelo de responsabilidade familiar pelo cuidado de dependentes e por outro lado relações desiguais de gênero no domicílio que agravam a sobrecarga as mulheres (CAMARANO, 2004).

Os estudos tratando dessa temática avaliam as variáveis de inserção no mercado de trabalho quando a mulher possui filho(s) corresidentes. Em geral, os trabalhos demonstram que os indicadores das mulheres variam muito mais que os indicadores dos homens, sugerindo que a inserção delas é bem mais sensível ao tipo de família em que estão incluídas (SORJ et al, 2007 p. 587).

Guiginski e Wajnman (2014) analisaram o nível de acesso ao trabalho na presença de filho pequeno, de cônjuge e de idoso no domicílio. Embora o trabalho

não faça menção à Geração Sanduíche, parte dos indivíduos analisados poderiam ser categorizados como pertencentes a essa geração, como é o caso dos que corresidem com filho e idoso no domicílio. Os resultados mostram que, de maneira geral, o nível de acesso ao trabalho apresenta-se fortemente associado à presença de filho pequeno, de cônjuge e de idoso no domicílio. Além disso, a presença de idoso com 65 anos ou mais no domicílio demonstrou reduzir a chance dos adultos estarem situados em categorias mais altas de acesso ao trabalho.

Jesus e Wajnman (2013) definiram a GS apenas segundo a disponibilidade de mãe e filho e a corresidência com esses parentes. Os objetivos das autoras eram descrever as características mais prováveis de mulheres que, tendo filhos corresidentes, corresidissem também com suas mães. As análises foram feitas a partir do Censo Demográfico brasileiro de 2010 e consideraram as mulheres de 40 a 50 anos de idade com mãe e filho(s) vivos. Demonstrou-se que a mulheres casadas e fora da força de trabalho apresentaram probabilidades maiores de corresidir também com a mãe, dada a corresidência com o filho. O efeito da renda sobre a probabilidade de corresidência sugere um formato “U” invertido, já que para menores estratos de renda e para os maiores encontram-se menor probabilidade de corresidir com a mãe. Acredita-se que os muito pobres não seriam capazes de arcar com a elevação de despesa decorrente do acolhimento de outro parente e os muito ricos, por sua vez, poderiam manter os benefícios da proximidade familiar bancando as despesas com domicílios separados. Esses achados corroboram com outros autores, como Pierret (2006), Kennedy e Ruggles (2012) e Wajnman (2012).

Tomas e colegas (2014) demonstraram que as tendências na proporção de mulheres na condição de GS no Brasil seguem um padrão semelhante ao da transição demográfica. À medida que a mortalidade inicia sua queda e a fecundidade permanece em patamares elevados, a proporção de mulheres “imprensadas” aumenta e se mantém em níveis elevados. Com o desenvolver da transição, a queda da fecundidade combinada a mudanças contínuas no perfil etário da mortalidade faz com que o percentual de mulheres que cuidam de

crianças com pais que precisam de cuidados reduza. Isso significa que houve uma queda do tempo médio de “ensanduichamento” das mães Brasil, resultado que corrobora com os achados de Mason e Zagheni (2014) a nível global.

Motta (2010) desenvolveu um estudo sobre a família multigeracional a partir dos resultados de quatro pesquisas realizadas em início de 2000, na Bahia. A discussão é acerca da família multigeracional contemporânea em dois dos seus segmentos geracionais básicos: os muito idosos, que crescentemente atingem a condição de centenários, e a geração-pivô, conceito semelhante à GS, que é constituída por seus filhos, também idosos, que, além de se constituírem em seus próprios cuidadores, também apoiam os seus filhos e netos. A autora aborda as questões de gêneros que devem ser incorporadas a esses estudos ao afirmar que as atuais gerações intermediárias ou pivôs foram socializadas pelas gerações mais antigas, principalmente a dos seus pais centenários, para o exercício dos papéis tradicionais – os homens, como provedores; as mulheres, para serem essencialmente cuidadoras. Alguns trechos das entrevistas do trabalho da autora chamam atenção para a visão que pode ser presumida das obrigações do adulto, no caso, filha, que oferta cuidados: “Duas filhas moravam na vizinhança, e uma delas era a grande cuidadora dele: “Anísia me leva pra tudo quanto é canto”. (p.443). “D. Januária [...] Vivía com a filha mais moça, que a rodeava de cuidados: “A minha vida aqui, ela é a responsável por tudo. Eu era mãe, agora sou filha (riso)”. “É ela a chefe da casa, é ela quem manda, é ela quem resolve...” Ou ainda:

Tornaram-se especialmente elucidativos das relações de família entre idosos os depoimentos da filha Hilda, de 70 anos, que era a sua cuidadora, ao mesmo tempo legítimo exemplo da “geração-pivô: apoiando e cuidando da mãe centenária, apoiando financeiramente o filho descasado, de 32 anos (“Casou sem ter ainda condições de casar”) e pagando a pensão alimentícia do neto de 5 anos, que morava com a mãe. (Motta 2010, p.445).

Reconhece-se a relevância desses retratos na literatura nacional, entretanto, deve-se destacar a lacuna de informações quanto à frequência relativa e caracterização dessas filhas que fornecem cuidados e as condições de vida a que essa geração está associada, de modo que o Brasil possa ser incluído na

discussão internacional sobre a existência de potenciais efeitos negativos. Nesse sentido, o presente trabalho pretende demonstrar quais são as probabilidades de pertencimento a essa geração ao longo do ciclo de vida, e qual é a real proporção de mulheres em contextos de cossobrevivência e de coresidência com a geração de mãe e de filhos. E dado que a coresidência é observada, verificar em qual parcela dela ocorre demandas potenciais simultâneas e se se confirma que na medida em que aumentam as demandas potenciais, há em contrapartida, um agravamento das condições de saúde, de inserção no mercado de trabalho e de atividades domésticas.

FONTE DE DADOS E METODOLOGIA

Como a revisão da literatura buscou ilustrar, existe uma variedade de definições para GS. Nesse trabalho busca-se identificar a GS a partir de uma análise empírica. O caminho adotado foi eleger um grupo amplo de mulheres, ao qual foram aplicados sucessivos recortes até que se encontrou aquele que mais provavelmente ilustra a GS no Brasil, considerando as notórias limitações encontradas nas fontes de dados. A Figura 2 apresenta a estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS.

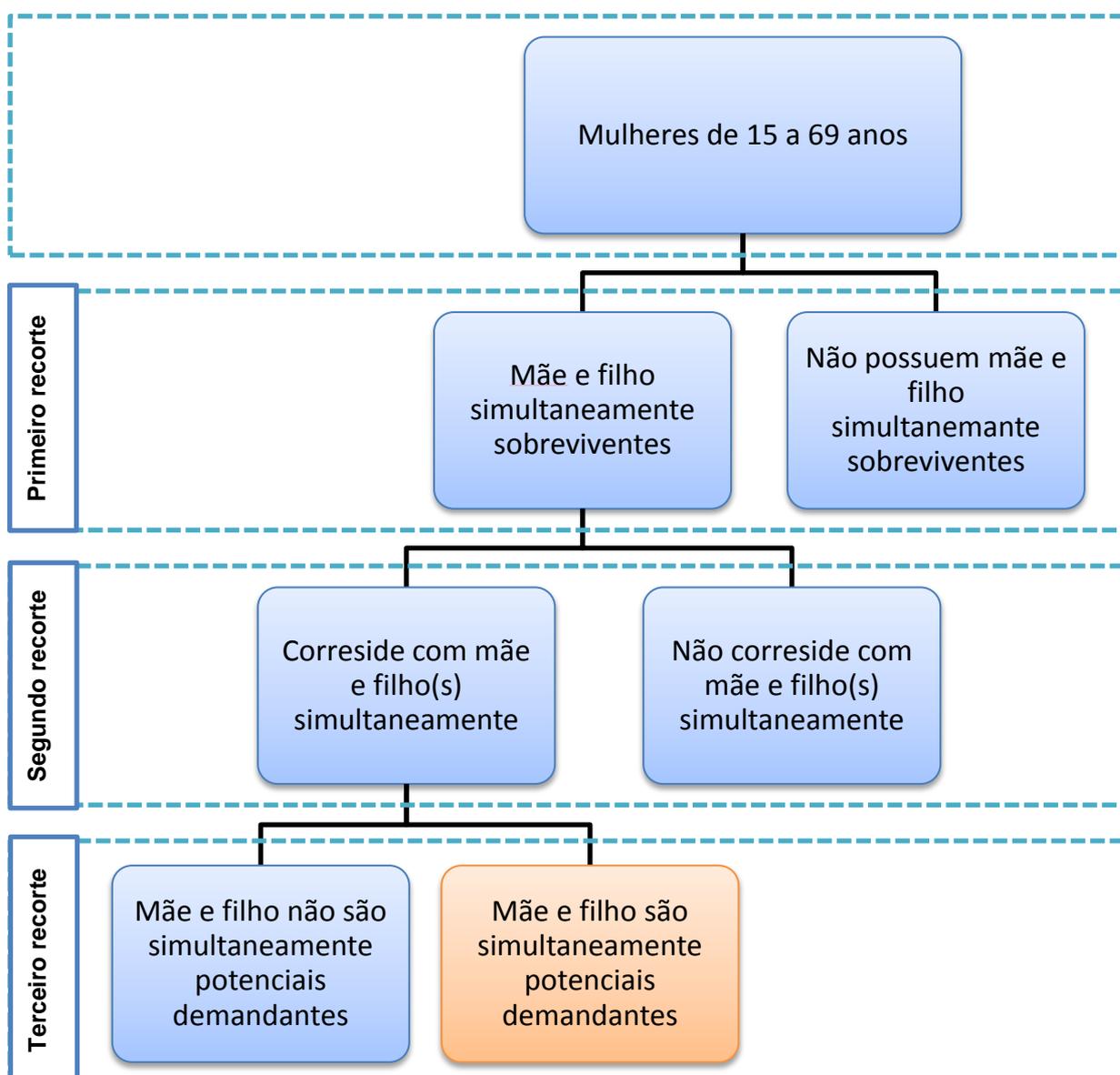
Vale lembrar que o motivo pelo qual o único parentesco ascendente analisado é de mãe é a própria limitação das fontes de dados. Atualmente, essa é a única relação de parentesco para a qual se tem informação para além dos limites do domicílio.

O primeiro recorte aplicado foi o de sobrevivência simultânea das gerações de mãe e filho(s). Esse recorte delimitou o primeiro grupo de interesse, o de mulheres em cenário de cossobrevivência de duas gerações de parentes, uma ascendente e outra descendente. É muito provável que nem todas as mulheres que fazem parte desse cenário de cossobrevivência, de fato forneçam algum tipo de cuidado a essas gerações simultaneamente, mas é preciso que existam esses parentes vivos para que tais trocas se efetivem. No contraponto aos efeitos associados ao pertencimento à GS, não se deve incluir na comparação as mulheres que não estão sob o risco de ensanduchamento pelo fato de não possuírem a oferta desses parentes. Wiemers e Bianchi (2014) destacam que muitos estudos nem sempre são cuidadosos em determinar qual é o grupo de indivíduos em risco de estar imprensado, quando são feitas as comparações das pessoas da GS e aquelas que não o são.

O passo seguinte foi determinar em qual intervalo de idade há maior chance de ocorrência desse cenário. Uma vez determinado qual é esse intervalo de idade, foi feita uma caracterização sociodemográfica e econômica do grupo de mulheres gerado.

Foi aplicado então um segundo recorte, o de coresidência simultânea com a geração de mãe e de filho. Nesse recorte, as mulheres que possuem mãe e filho(s) sobreviventes serão divididas entre aquelas que coresidem simultaneamente com essas gerações e aquelas que não o fazem. Nesse último grupo estão as mulheres que tem a oferta de ambas as gerações, mas residem apenas com uma delas ou com nenhuma das duas.

Figura 2 - Estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS



Fonte: elaboração própria

Novamente, determinou-se em qual intervalo de idade existia maior chance de ocorrência desse cenário, ou seja, em qual parte do ciclo de vida uma mulher teria maior chance de residir no mesmo domicílio com a geração de mãe e a geração de filhos. Para esse grupo, em que há maior chance de coresidência simultânea com mãe e filho(s), também foi feita uma caracterização sociodemográfica e econômica. Essas mulheres foram comparadas às mulheres da mesma idade, com mãe e filho vivo(s), mas que não estão simultaneamente presentes no domicílio. Com isso busca-se entender em que medida essas mulheres são diferentes.

Por fim, tem-se o terceiro e último recorte. Esse recorte divide as mulheres que coresidem com as gerações de mãe e filho(s) em dois grupos. O primeiro grupo contém as mulheres que coresidem com as gerações de mãe e filho(s), mas essas gerações não são simultaneamente demandantes – como serão definidas em seguida. O segundo grupo engloba as mulheres que coresidem com mãe e filho(s) que, simultaneamente, apresentam características em potencial de gerar demandas. Esse é o grupo que acreditamos definir a GS. Para esse cenário também se determina qual é a idade de maior chance de ocorrência e realizam-se as comparações dos dois grupos gerados, sendo que um deles é a própria GS.

De posse do grupo de mulheres, que podem ser classificadas como GS, realiza-se uma análise mais específica, que busca avaliar em que medida as dimensões de mercado de trabalho, de saúde e de atividade domésticas são afetadas pelo pertencimento à GS.

A seguir são apresentadas as definições utilizadas para essa análise e suas respectivas justificativas, os procedimentos para a escolha da fonte de dados utilizada e as estratégias adotadas para a análise final das mulheres da GS.

A primeira justificativa a ser feita é acerca do intervalo de idade do grupo de partida das análises, que é de 15 a 69 anos. O limite inferior deve-se ao fato de que a partir dessa idade já é possível ter simultaneamente mãe e filho vivos. O

limite superior, por sua vez, foi escolhido porque a partir dos 70 anos a sobrevivência simultânea de mãe e filho(s) é consideravelmente mais rara. Esse amplo intervalo, com o limite inferior do intervalo de apenas 15 anos, acaba considerando mulheres em situações muito distintas daquelas descritas como ensanduichamento na literatura. Apesar disso, deseja-se acompanhar toda essa extensão do ciclo de vida para identificar em quais idades há maior chance de ocorrência dos cenários de cossobrevivência, coresidência e de demandas potenciais. Ao identificar as idades de maior chance de ocorrência desses cenários é possível verificar se a maior oferta desses parentes é acompanhada de maior chance de coresidência. Caso esses eventos não sejam coincidentes, que é uma das primeiras hipóteses com que se trabalha, pode-se supor que outras condicionantes, que não a oferta, estão operando sobre as interações entre essas gerações. Entre essas condicionantes, podem estar as necessidades financeiras dos filhos e de cuidados por parte da mãe, sendo que a coresidência poderia ter sido a estratégia para favorecer essas trocas.

As gerações potencialmente demandantes, como o próprio termo indica, são aquelas com características às quais atribuímos maiores chances de gerar demandas para a geração intermediária entre elas. Para a geração de filho, sob a hipótese de que crianças demandam cuidados de certo modo constantes, definimos que a idade de 14 anos ou menos a caracteriza como potencial demandante. Esse recorte, de 14 anos de idade, entretanto, não sugere que a partir de tal idade os filhos não possam ser considerados demandantes. A ideia que está por trás dessa escolha reside no fato de que as demandas potenciais de filhos com até essa idade possam, de alguma maneira, competir com outras atividades da vida da mulher, se considerarmos que os cuidados são requeridos de maneira praticamente constante ao longo dos dias. Além disso, também entendemos que nesse intervalo exista uma baixa participação dos filhos nas atividades domésticas ou em outro tipo de atividade de cuidado no domicílio, enquadrando o filho na situação predominante de potencialmente demandante.

Para a mãe, será considerada potencialmente demandante aquela mulher que tenha respondido “Não consegue”, “Tem grande dificuldade” ou “Tem

pequena dificuldade” ao quesito “normalmente, por problema de saúde, tem dificuldade para alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro, seja essa dificuldade pequena, grande ou totalmente incapacitante” (PNAD 2008). Acredita-se que essas mulheres têm maiores chances de demandar cuidados instrumentais da filha com a qual corresidem.

Fonte de dados

No Brasil, as pesquisas domiciliares constituem a principal fonte de informação para o estudo quantitativo das famílias e dos arranjos domiciliares. As pesquisas de maior destaque são os Censos Demográficos, por oferecer um razoável detalhamento das relações de parentesco e permitir análises de mais longo prazo, tendo, por isso, um grande potencial para estudos de Demografia da Família. Outra vantagem é a possibilidade de desagregação, sem que se incorra em perda de significância da amostra.

As Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNADs), realizadas anualmente pelo IBGE, se constituem como a segunda principal fonte de dados populacionais, após os Censos Demográficos. As PNADs não são a fonte de dados mais adequada para estudo das relações familiares no domicílio, por coletá-las de maneira muito sucinta. Enquanto o Censo Demográfico brasileiro de 2010 coletou 16 categorias de relação com responsável pelo domicílio, a PNAD coletou apenas a metade. Apesar disso, essa pesquisa apresenta a vantagem de também possuir informações detalhadas sobre características demográficas e socioeconômicas da população e abordar temas específicos, como é o caso do suplemento de saúde do ano de 2008. Tal suplemento permite, no caso deste trabalho, analisar qual é a condição de saúde da mãe presente no domicílio e das próprias mulheres da GS.

A PNAD utilizada neste trabalho é a de 2008, a mais recente divulgada pelo IBGE que contenha o suplemento de saúde. Na PNAD 2008, foram

entrevistadas 391.868 pessoas e 150.591 unidades domiciliares em 851 municípios distribuídos por todas as Unidades da Federação⁵.

Previamente à escolha dessa fonte de dados, foi feita uma comparação com o Censo Demográfico. Essa comparação foi feita utilizando-se o Censo Demográfico brasileiro de 2010 e a PNAD de 2011, por terem o menor período entre as aplicações e também serem próximas à realidade encontrada na PNAD de 2008.

No censo de 2010, no questionário da amostra, a pergunta sobre sobrevivência materna era “tem mãe viva?”, sendo que as respostas poderiam ser “sim e mora neste domicílio”, “sim e mora em outro domicílio”, “não”, “não sabe” e “ignorado”. Na PNAD de 2011, a pergunta foi feita de maneira diferente em relação ao censo, mas mantendo o padrão dos demais anos. A informação de mãe viva está separada da informação de mãe corresidente. A primeira pergunta é “tem mãe viva?”, sendo as opções “sim”, “não” e “não sabe”. A segunda pergunta era a “mãe mora no domicílio?”, sendo as respostas possíveis “sim”, “não” e “não aplicável”.

Tal comparação demonstrou que os resultados da PNAD são próximos aos do Censo. Em termos proporcionais e de frequências, as duas fontes de dados fornecem resultados semelhantes. A diferença observada entre as duas fontes de dados para a proporção de pessoas com mãe sobrevivente é de 0,01 ponto percentual. As características sociodemográficas (sexo, raça, instrução e rendimentos) dos indivíduos que declararam ter mães sobreviventes são próximas, indicando que não existe um viés na escolha da PNAD em termos de grupos que serão analisados.

Análises descritivas e comparações entre os grupos

Na comparação entre grupos em cenários de corresidência, cossobrevivência e de demandas potenciais, serão usadas estatísticas descritivas

⁵ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008

de variáveis sociodemográficas e econômicas. Avalia-se o percentual das mulheres em cada grupo que é responsável pelo domicílio, que possui cônjuge no domicílio e da cor/raça não branca (parda, preta e indígena). Além disso, também se avaliam os anos médios de escolaridade, a taxa de atividade, a taxa de ocupação e o rendimento domiciliar per capita médio em salários mínimos.

Por fim, tem-se a análise mais detalhada do grupo que acreditamos se tratar da GS, passível de identificação em uma pesquisa domiciliar. Para esse grupo, serão analisadas três dimensões básicas, sendo essas dimensões a saúde, a inserção no mercado de trabalho e a atividade doméstica. As hipóteses que se deseja testar são se as mulheres que compartilham o domicílio simultaneamente com a geração de mãe e de filhos potencialmente demandantes, definidas como GS, apresentam piores desfechos dessas três dimensões, quando comparadas àquelas mulheres que possuem essas duas gerações no domicílio, mas ambas não são potencialmente demandantes. A seguir, descrevem-se as estratégias utilizadas na análise de cada uma dessas dimensões.

Condição de saúde

Com essa análise, pretende-se investigar a quais condições de saúde a coresidência simultânea com duas gerações potencialmente demandantes está associada. A exemplo do que já foi discutido na literatura, partimos da hipótese de que as mulheres da GS apresentam pior condição de saúde.

A condição de saúde foi analisada de maneira subjetiva, trata-se do estado de saúde definido a partir da auto avaliação da mulher. Os entrevistados na PNAD classificaram o seu estado de saúde como: “muito bom”, “bom”, “regular”, “ruim” ou “muito ruim”. Essa variável foi agrupada a fim de gerar uma nova variável, dicotômica. Foram definidas como saudáveis as mulheres que declararam como “muito bom” ou “bom” seu estado de saúde. E, conseqüentemente, foram categorizadas como não saudáveis aquelas que declararam estado de saúde “regular”, “ruim” ou “muito ruim”.

Em primeiro lugar, verifica-se as distribuições de auto declaração do estado de saúde das mulheres da GS e daquelas que corresidem com mãe e filho(s), mas ambos não são potencialmente demandantes. Em seguida, emprega-se um modelo de regressão logística para estimar a probabilidade de que a mulher se declare como não saudável, ou seja, de que tenha um estado de saúde “muito ruim”, “ruim” ou “regular”. As variáveis selecionadas são as comumente utilizadas em estudos de determinantes da saúde e estão no Quadro 1.

Quadro 1 - Relação das Variáveis utilizadas no modelo de regressão logística para estimar a probabilidade de autodeclararão de estados de saúde.

Variável resposta	Variáveis explicativas e de controle	
	Variável	Descrição
Saudável/Não saudável	Renda domiciliar per capita	Logaritmo Natural da Renda Domiciliar per capita
	Idade	Medida discreta modelada com um termo linear
	Raça/cor	Variável dicotômica igual a 1 se branco e zero caso contrário (preto, pardo, amarelo)
	Presença de cônjuge	Variável dicotômica igual a 1 se possui cônjuge no domicílio e 0 caso contrário
	Anos de estudo	Medida discreta modelada com um termo linear
	Atividade econômica	Variável dicotômica igual a 1 se está ativa no mercado de trabalho e 0 caso contrário
	Número de doenças crônicas	Medida linear do número de doenças crônicas identificadas por algum médico ou profissional de saúde
	Região	Cinco grandes regiões
	Situação censitária	Variável dicotômica igual a 1 se urbano e 0 caso contrário
	Presença de mãe e filho(s) potencialmente demandantes	Variável dicotômica igual a 1 se possui mãe e filho corresidentes potencialmente demandantes no domicílio e 0 caso contrário

Fonte: elaboração própria

Mercado de trabalho

Em primeiro lugar, verifica-se se são observadas as mesmas taxas de atividade e de ocupação entre as mulheres da GS e aquelas que corresidem com mãe e filho, mas não ocorre para ambas as gerações, a existência de demandas potenciais.

Também foram analisados os valores de rendimento de todos os trabalhos, o número médio de horas de trabalho semanal, o rendimento/hora médio e se possui carteira assinada. A hipótese que se deseja avaliar é a de que a presença das gerações potencialmente demandantes no domicílio está associada a salários inferiores, seja por ocupações escolhidas ou por total de horas disponíveis para o mercado de trabalho.

Foram estimados ainda dois modelos que tratassem dos rendimentos obtidos em todos os trabalhos. Para esses modelos foram normalizadas as variáveis logaritmo do rendimento mensal de todos os trabalhos e o logaritmo do salário hora em todos os trabalhos e aplicado um modelo de regressão simples. As variáveis utilizadas nos modelos estão descritas nos Quadros 2 e 3.

Quadro 2 - Variáveis explicativas do modelo de regressão linear para o logaritmo dos rendimentos de todos os trabalhos.

Variável resposta	Variáveis explicativas e de controle	
	Variável	Descrição
Modelo 1: logaritmo do rendimento mensal de todos os trabalhos	Idade	Medida discreta modelada com um termo linear e com termo quadrático.
	Raça/cor	Medida dicotômica igual a 1 se branco e zero caso contrário (preto, pardo, amarelo)
	Presença de cônjuge	Medida dicotômica igual a 1 se possui cônjuge no domicílio e 0 caso contrário
	Escolaridade	Anos de estudo. Medida discreta modelada com um termo linear
	Posição na ocupação	Seis grandes grupos
	Experiência	Diferença entre a idade atual e a idade em que começou a trabalhar
	Número de horas de afazeres domésticos	Medida linear do número horas de atividade doméstica
	Numero total de horas trabalhadas	Medida linear do número horas dedicadas a todos os trabalhos
	Região	Cinco grandes regiões
	Situação censitária	Medida dicotômica igual a 1 se urbano e 0 caso contrário
	Presença de mãe e filho(s) potencialmente demandantes	Medida dicotômica igual a 1 se possui mãe e filho corresidentes no domicílio e 0 caso contrário
	Grupamentos de atividade no trabalho principal do período de referência de 365 dias	Cinco categorias: masculinas, mistas, transformação, femininas e domésticas

Fonte: elaboração própria

Quadro 3 - Variáveis explicativas e de controle do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento/hora de todos os trabalhos.

Variável resposta	Variáveis explicativas e de controle	
	Variável	Descrição
Modelo 2: logaritmo do rendimento/hora de todos os trabalhos	Idade	Medida discreta modelada com um termo linear e com termo quadrático.
	Raça/cor	Medida dicotômica igual a 1 se branco e zero caso contrário (preto, pardo, amarelo)
	Presença de cônjuge	Medida dicotômica igual a 1 se possui cônjuge no domicílio e 0 caso contrário
	Escolaridade	Anos de estudo. Medida discreta modelada com um termo linear
	Posição na ocupação	Seis grandes grupos
	Experiência	Diferença entre a idade atual e a idade em que começou a trabalhar
	Número de horas de afazeres domésticos	Medida linear do número horas de atividade doméstica
	Região	Cinco grandes regiões
	Situação censitária	Medida dicotômica igual a 1 se urbano e 0 caso contrário
	Presença de mãe e filho(s) potencialmente demandantes	Medida dicotômica igual a 1 se possui mãe e filho corresidentes no domicílio e 0 caso contrário
	Grupamentos de atividade no trabalho principal do período de referência de 365 dias	Cinco categorias: masculinas, mistas, transformação, femininas e domésticas

Fonte: elaboração própria

Atividade doméstica

Finalmente, tem-se a análise da atividade doméstica. Na PNAD 2008, a atividade doméstica foi medida com o quesito “Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos”. Segundo as notas técnicas do IBGE:

“Para as pessoas de 5 anos ou mais de idade, foi pesquisado se habitualmente cuidavam, parcialmente ou integralmente, dos afazeres domésticos, independentemente da sua condição de atividade e ocupação na semana de referência. Entendeu-se por afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de:

- a) Arrumar ou limpar toda ou parte da moradia;
- b) Cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es);

- c) Orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas;
- d) Cuidar de filhos ou menores moradores; ou
- e) Limpar o quintal ou terreno que circunda a residência.”(PNAD. Síntese de Indicadores 2008 p. 29)

Destaca-se que, como atividade doméstica, inclui-se o cuidado com os filhos ou menores moradores, entretanto, exclui-se o cuidado com idosos. Assim, esse quesito oferece apenas uma parte das reais atividades realizadas pela mulher no domicílio, exigindo assim, cautela na análise dos resultados.

As análises do “número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos” foram feitas de maneira semelhante às duas dimensões já apresentadas. Em primeiro lugar, verifica-se se observa o mesmo número médio de horas de atividade doméstica entre as mulheres da GS e aquelas que corresidem, mas as gerações não são potencialmente demandantes. A hipótese é de que a GS dedicaria mais tempo aos afazeres domésticos, visto de que possui duas gerações potencialmente demandantes no domicílio.

RESULTADOS

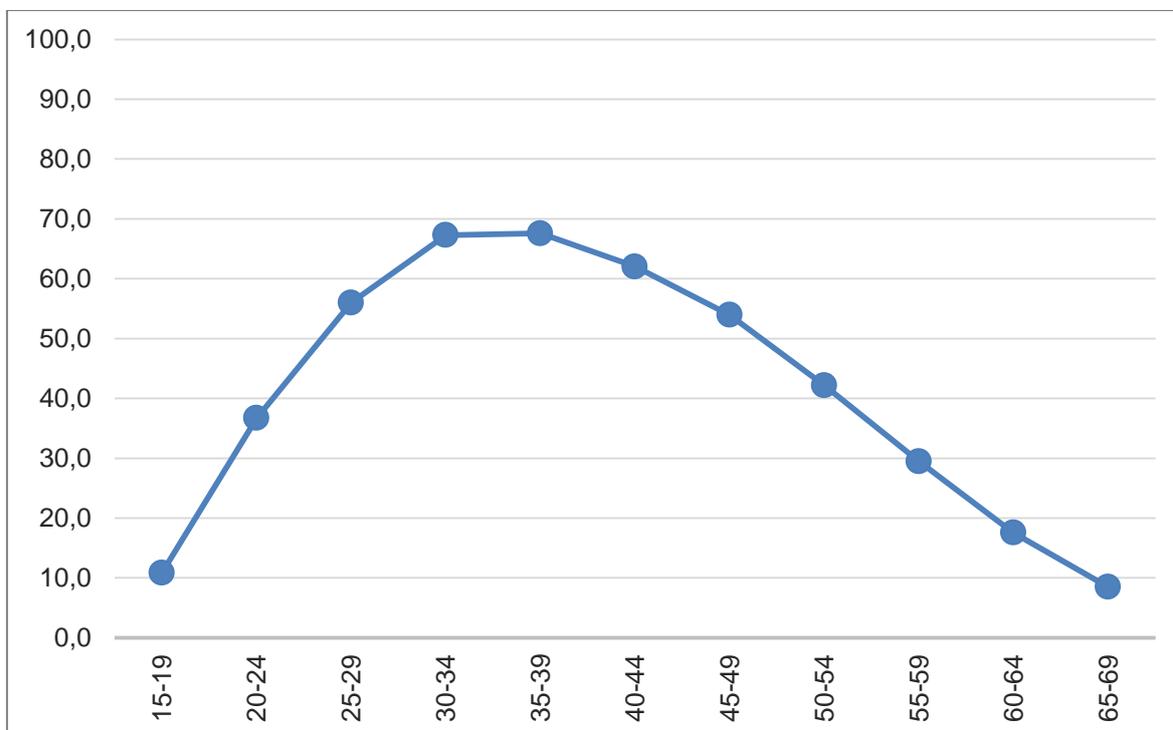
Como descrito no capítulo anterior, o ponto de partida para a identificação empírica da GS é o grupo de mulheres com idade entre 15 e 69 anos. Em 2008, havia no Brasil um total de 30.661.100 de mulheres nesse intervalo etário. A Tabela 1 apresenta a proporção por grupo de idade das mulheres para as quais a sobrevivência simultânea da mãe e de pelo menos um filho(s) é observada. Aproximadamente 45% das mulheres nesse intervalo etário possuíam esses parentes simultaneamente vivos. Percebe-se ainda que entre as idades de 30 a 39 anos estão as maiores chances de ocorrência desse fenômeno, 67,3% para as mulheres entre 30 e 34 anos e 67,6% para as mulheres com idade entre 35 e 39 anos. O Gráfico 1 apresentado em seguida, ilustra os resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade por grupos de idade segundo a sobrevivência das gerações ascendente e descendente. Brasil, 2008.

Grupos etários	% de mulheres com mãe e filho(s) vivos
15-19	10,8
20-24	36,7
25-29	56,0
30-34	67,3
35-39	67,6
40-44	62,0
45-49	53,9
50-54	42,2
55-59	29,5
60-64	17,6
65-69	8,5
Total	44,6

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Gráfico 1 – Proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade por grupos de idade que possuem filho(s) e mãe sobreviventes. Brasil, 2008.



Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Como já destacado, esse primeiro recorte, da cossobrevivência dessas gerações, é importante porque informa qual é o grupo que poderia estar exposto ao risco de estar ensanduichado, dentro ou fora do domicílio. Sabe-se que as chances de estar em cenários de cossobrevivência estão em grande medida associadas à idade em que a mulher se encontra e aos níveis e estruturas de mortalidade e fecundidade que ocorrem há décadas. A estrutura da fecundidade é importante porque determina os intervalos de idade entre as filhas e as mães. Por exemplo, uma elevação da idade média à fecundidade pode, *ceteris paribus*, significar mães em idades mais avançadas e, portanto, com menores probabilidades de sobrevivência. O nível da fecundidade também é importante, já que determina com qual intensidade essas mulheres tiveram filhos e conseqüentemente, tem impacto sobre a chance de ter ao menos um filho vivo, na comparação de cenários de mortalidade constante.

A Tabela 2 apresenta as características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 30 a 39 anos, que representam o grupo de mulheres para o qual

há a maior chance de se observar, simultaneamente, mãe e filho sobreviventes. A parcela dessas mulheres que é responsável pelo domicílio é 23,7%. A vasta maioria possui cônjuge no domicílio (78,5%). Metade delas são não brancas e o número médio de anos de estudo é de 8,3. Elas possuem uma taxa de atividade econômica relativamente alta, 72,2%, sendo que 92,3% estavam ocupadas. O rendimento domiciliar per capita médio nos domicílios nos quais essas mulheres se encontravam era de 1,3 salários mínimos.

Tabela 2 – Características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 30 a 39 anos com mãe e filho(s) vivos. Brasil, 2008.

Características sociodemográficas e econômicas	Mulheres com mãe e filho vivos
É responsável pelo domicílio (%)	23,7
Tem cônjuge no domicílio (%)	78,5
Não brancas (%)	49,7
Anos médios de estudo	8,3
Taxa de atividade (%)	72,2
Taxa de ocupação (%)	92,3
Rendimento domiciliar per capita médio (SM)	1,3

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

A partir de agora, aplica-se o próximo recorte, o de coresidência simultânea com as gerações de mãe e de filho(s). A Tabela 3 apresenta a proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade, por grupos de idade, que possuindo mãe e filho(s) vivos, de fato compartilham o domicílio com essas gerações. Esses mesmos valores são apresentados no Gráfico 2, a título de ilustração.

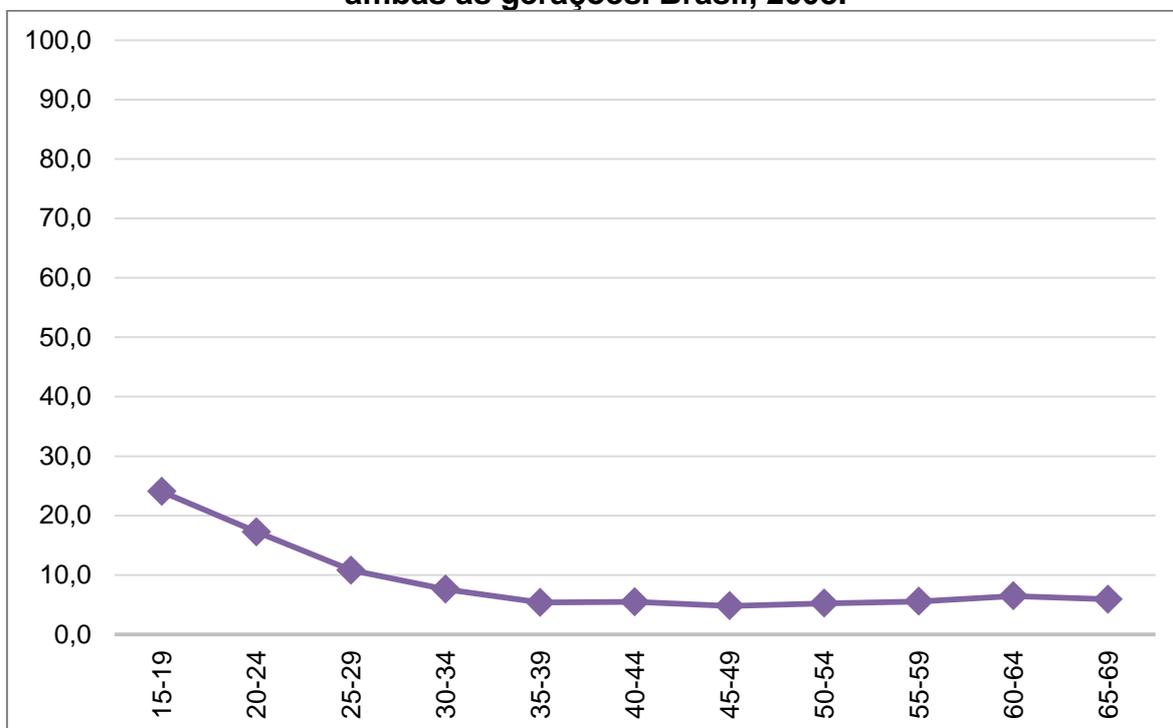
Essa medida é semelhante a uma taxa, já que considera no numerador o total de mulheres com mãe e filho no domicílio sobre o total de mulheres expostas à chance de ocorrência desse evento, ou seja, aquelas que possuem mãe e filho vivos. Do total de mulheres de 15 a 69 anos com mãe e filho vivos, 8,2% coresidiam simultaneamente com essas gerações. Fica evidente que a maior chance de ocorrência do evento, nesse caso, está no grupo de mulheres de 15 a 19 anos, cerca de um quarto delas. A proporção observada para aquelas com idade entre 20 e 24 anos é de 17,2% (Tabela 3).

Tabela 3 – Proporção por grupos de idade das mulheres de 15 a 69 anos de idade com mãe e filho(s) vivos, que corresidem simultaneamente com ambas as gerações. Brasil, 2008.

Grupos etários	% de mulheres com mãe e filho(s) no domicílio
15-19	24,0
20-24	17,2
25-29	10,8
30-34	7,6
35-39	5,3
40-44	5,5
45-49	4,8
50-54	5,2
55-59	5,5
60-64	6,5
65-69	5,9
Total	8,2

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Gráfico 2 – Proporção por grupos de idade das mulheres de 15 a 69 anos de idade com mãe e filho(s) vivos, que corresidem simultaneamente com ambas as gerações. Brasil, 2008.

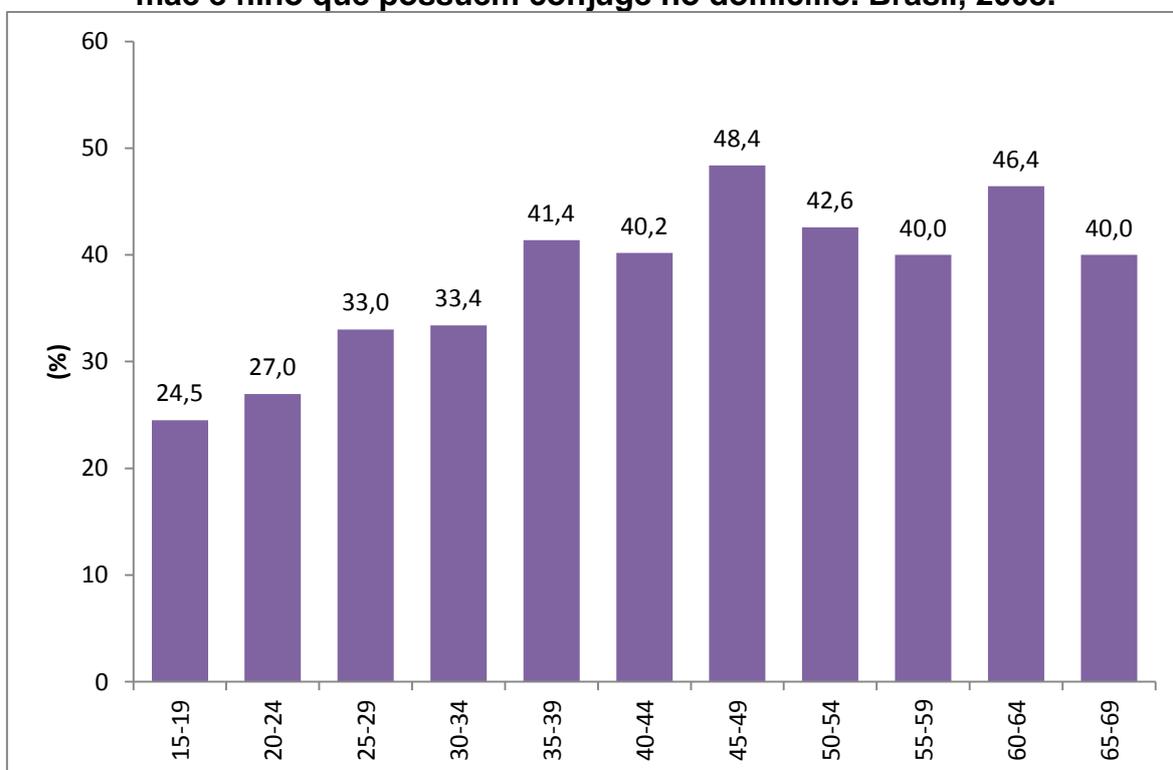


Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

A maior chance de coresidência com a geração de mãe e filho em idades mais jovens é provavelmente decorrência de fecundidade precoce, muitas vezes caracterizada pela ausência do cônjuge. Nesse grupo etário, apenas 25% daquelas coresidentes com mãe e filho possuem cônjuge no domicílio (Gráfico 3).

Achados como o de Wajnman (2012) podem corroborar a hipótese que essa coresidência está associada à fecundidade precoce e tem se tornado mais comum do que no passado. A autora constatou que houve um declínio da proporção de famílias estendidas através de pais e outros parentes e aumento da extensão por netos. Em 2000, 56% das famílias estendidas possuíam netos. Estes, na maior parte dos casos (38,90%) tinham no domicílio apenas as suas mães, quase sempre filhas do responsável pelo domicílio, ou nenhum dos pais (37,46% dos casos).

Gráfico 3 – Proporção por grupo de idade de mulheres que coresidem com mãe e filho que possuem cônjuge no domicílio. Brasil, 2008.



Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Pode-se inferir que a coresidência não se dá nos períodos em que há maior oferta de filhos e mães sobreviventes, mas muito provavelmente em momentos de maior exigência de apoio entre essas gerações. Além disso, é plausível supor que o grupo de mulheres de 15 a 24 anos coresidentes com mãe e filho certamente não representa a Geração Sanduíche, na forma definida na literatura internacional. Nesses casos, Ego⁶ deve estar, muito provavelmente, recebendo mais apoio do que oferecendo. Para testar tal hipótese, apresenta-se em seguida uma caracterização sociodemográfica e econômica de grupo de mulheres. Além disso, essas mulheres serão comparadas com aquelas que possuem a oferta desses parentes, mas não compartilham o domicílio simultaneamente com essas gerações.

A Tabela 4 apresenta as características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 15 a 24 anos coresidentes com filho(s) e mãe e das mulheres com mãe e filho vivos, mas não simultaneamente coresidentes, nesse mesmo intervalo etário. Entre as mulheres coresidentes com essas gerações, o percentual de chefia do domicílio é de 3,4%, ao passo que para aquelas que não possuem essas gerações simultaneamente no domicílio é de 12,3%. A presença de cônjuge no domicílio é mais frequente quando ambas as gerações não estão no domicílio (73,6%). Com relação à distribuição racial, há maior percentual de não brancas entre as mulheres coresidentes com mãe e filho. Elas apresentam maior taxa de atividade e maior rendimento domiciliar per capita. Apesar disso, entre elas, observa-se menor taxa de ocupação, 75,2%, contra 80,3% das que não estão em cenário de coresidência com mãe e filho.

⁶ Para tornar mais clara a análise, lançaremos mão do termo Ego para denominar a geração intermediária, ou seja, as mulheres que estão entre a geração de filhos e a geração de mães.

Tabela 4 – Características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 15 a 24 anos corresidentes com filho(s) e mãe e das mulheres com mãe e filho vivos mas não simultaneamente corresidentes. Brasil, 2008.

Características sociodemográficas e econômicas	Mulheres corresidentes com mãe e filho	Mulheres com mãe e filho vivos mas não simultaneamente corresidentes
É responsável pelo domicílio (%)	3,4	12,3
Tem cônjuge no domicílio (%)	23,0	73,6
Não brancas (%)	63,9	60,7
Anos médios de estudo	8,5	8,0
Frequenta escola	18,5	12,3
Taxa de atividade (%)	59,0	52,3
Taxa de ocupação (%)	75,2	80,3
Rendimento domiciliar per capita médio (SM)	0,7	0,5

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Nota: Rendimentos apresentados em salários mínimos (SM). Na data de referência da PNAD 2008, o salário mínimo era de R\$ 415,00.

As jovens que possuem mãe e filho no domicílio apresentam em média 8,5 anos de estudo, enquanto as demais, não corresidentes com mãe e filho simultaneamente, apresentam apenas 8,0 anos. Deve-se lembrar de que existe a possibilidade de que nessas idades as jovens ainda não tenham concluído sua escolarização. As jovens que estão criando seus filhos ao lado da geração de mãe tem mais chance de ainda estarem estudando. Entre essas jovens, o percentual que ainda frequenta a escola é de 18,5%, ao passo que entre as demais, apenas 12,3%. Esse é um indício de corrobora com a hipótese de que essas jovens estão sendo mais cuidadas do que oferecendo cuidados. A mulher entre demandas simultâneas na verdade seria a mãe de Ego, que de certo modo cuida da geração da filha e da geração de netos, podendo, eventualmente, também cuidar de seus próprios pais.

Apesar de essa mulher não estar posicionada entre essas gerações, no modelo multigeracional apresentado na literatura, ela oferece apoio a duas gerações, ambas descendentes. Neste ponto, a limitação dos dados novamente restringe as análises. O fato de ser possível observar apenas a corresidência faz com que todas as possibilidades de transferências para além dos limites do domicílio não sejam analisadas. Apesar das limitações oferecidas pelos dados, ainda é possível verificar o contexto de cossobrevivência dessas mães de Egos jovens. Mais da metade delas (50,1%) possuem mãe sobrevivente. Assim sendo,

essas mulheres podem estar envolvidas inclusive em mais uma via de cuidados, oferecendo apoio às mães não corresidentes.

Para um percentual relativamente expressivo dessas mulheres corresidentes com filhos e netos, cerca de 7%, observa-se também a presença de da geração de suas próprias mães no domicílio. Esse grupo seria composto por aproximadamente 25 mil mulheres. Essas mulheres, que compartilham o domicílio com mais três gerações, certamente podem ser classificadas como Geração Sanduíche. Pennec (1997) e Goldstein *et al* (2012) consideram como geração “ensanduichada” não apenas aqueles adultos entre pais e filhos, mas entre pais, filhos e netos. O que se observaria, nesse caso, seriam avós que se dividem entre os cuidados com seus pais muito idosos e as necessidades de seus netos, cujos pais tendem a estar sobrecarregados no mercado de trabalho, ou como observado, ainda investindo em capital humano.

Agora, aplica-se o terceiro e último recorte. As mulheres corresidentes simultaneamente com mãe e filho agora serão divididas entre aquelas que estão enfrentando demandas potenciais no domicílio e aquelas que não estão. Interessa-nos saber em quais fases do ciclo de vida da mulher encontram-se as maiores chances de demandas potenciais concomitantes no domicílio. Acreditamos que o grupo de mulheres corresidentes com gerações ascendente e descendente potencialmente demandantes no intervalo de idade em que há maior chance de ocorrência desse fenômeno é a GS possível de ser identificada pelas atuais fontes de dados. A Tabela 5 apresenta a proporção por grupo de idade de mulheres 15 e 59⁷ anos com filhos, mãe e ambas as gerações potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem.

Como se desprende da análise da Tabela 5, o aumento da idade de Ego parece diminuir o fardo dos filhos. À medida que a mulher se torna mais velha, seus filhos também se tornam e uma proporção decrescente deles terá menos de 14 anos. Para as mães, o comportamento das demandas potenciais é distinto. Ainda no Gráfico 4, observa-se que à medida que a mulher se torna mais velha,

⁷ Os grupos etários de 60 a 64 e 65 a 69 anos, por representarem um grupo relativamente pequeno, não podem ser desagregados por condição de saúde da mãe e idade dos filhos.

sua mãe também envelhece e passa a ser mais frequente que tenha limitações em realizar atividades básicas do dia a dia por motivos de saúde. Para as mulheres do grupo de 15 a 19 anos, por exemplo, verifica-se que menos de 5% possuem mães em situação de potencialmente demandantes. Para o grupo de 55 a 59 anos, o quadro já é de mais de 45% das mães com potenciais demandas (Tabela 5).

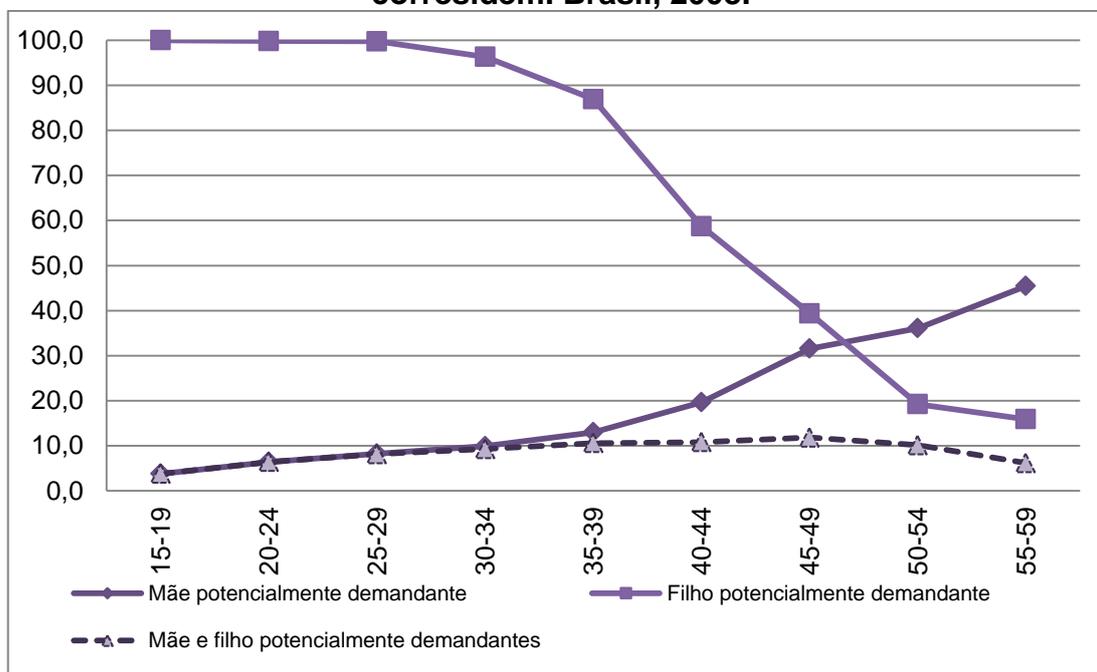
O que é interessante destacar é como essas duas forças se combinam. O fardo dos filhos diminui com o aumento da idade da mulher, enquanto a condição de saúde da mãe dessas mulheres se deteriora. Essas duas forças caminham de maneira que, entre os 40 e 49 anos, tem-se a maior chance de demandas potenciais concomitantes no domicílio. Nesse intervalo etário, 31,6% das mulheres possuem mãe potencialmente demandante no domicílio. O percentual delas com filhos potencialmente demandantes é ainda elevado, 38,7%. E como resultado dessas prevalências, 11% delas estariam enfrentando demandas potenciais simultâneas no domicílio.

Tabela 5 – Proporção por grupo de idade de mulheres com filhos e mãe potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem. Brasil, 2008.

Grupo etário	% com filho potencialmente demandante no domicílio	% com mãe potencialmente demandante no domicílio	% com mãe e filho potencialmente demandantes no domicílio
15-19	100,0	3,8	3,8
20-24	99,8	6,4	6,4
25-29	99,8	8,3	8,2
30-34	96,3	9,9	9,3
35-39	86,9	13,0	10,6
40-44	58,7	19,7	10,8
45-49	39,4	31,6	11,9
50-54	19,2	36,1	10,1
55-59	15,9	45,4	6,2

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Gráfico 4 – Proporção por grupo de idade de mulheres com filho, mãe e ambos potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem. Brasil, 2008.



Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

A Tabela 6 apresenta as características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 40 a 49 anos, segundo a presença de demandas potenciais simultâneas no domicílio. Nessa tabela são comparadas as mulheres que corresidem simultaneamente com mãe e filho sendo que ambos são potencialmente demandantes, o que definimos com GS, e aquelas que corresidem com essas gerações, mas apenas uma delas é potencialmente demandante ou nenhuma das duas. O percentual de mulheres à frente da responsabilidade pelo domicílio é maior para as mulheres categorizadas como GS, 36,2% contra 32,7% das que não são. Ao mesmo tempo, as mulheres da GS também apresentam maior chance de possuir cônjuge no domicílio, isso ocorre para mais da metade delas, ao passo que entre as que não são, o percentual é de pouco mais que 40%. A distribuição racial dos dois grupos é bem distinta, sendo que a participação de mulheres não brancas entre a GS é de 58%. A GS apresenta menor escolaridade e, além disso, menor taxa de atividade no mercado

de trabalho. Apesar disso, possuem maior taxa de ocupação. E por fim, verifica-se que a GS apresenta menor valor médio de rendimento domiciliar per capita.

Tabela 6 – Características sociodemográficas e econômicas das mulheres de 40 a 49 anos, segundo a presença de demandas potenciais simultâneas no domicílio. Brasil, 2008.

Características sociodemográficas e econômicas	Geração sanduíche	Mulheres corresidentes com mãe e filho(s) sem que ambas geração sejam simultaneamente potencialmente demandantes
É responsável pelo domicílio (%)	36,2	32,7
Tem cônjuge no domicílio (%)	51,1	41,5
Não brancas (%)	58,0	47,3
Anos médios de estudo	7,4	8,8
Taxa de atividade (%)	66,6	71,8
Taxa de ocupação (%)	99,8	93,8
Rendimento domiciliar per capita médio (SM)	1,0	1,4

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Nota: Rendimentos apresentados em salários mínimos (SM). Na data de referência da PNAD 2008, o salário mínimo era de R\$ 415,00.

Para sumarizar os recortes, apresenta-se a Tabela 7, que possui a frequência e a distribuição relativa da população feminina de 15 a 69 anos de idade segundo cada um dos recortes aplicados, o de cossobrevivência, o de corresidente e de corresidente com as gerações de filho(s) e mãe potencialmente demandantes. Como se depreende dessa tabela, no Brasil, em 2008, havia cerca de 30 milhões de mulheres em cenários de cossobrevivência, ou seja, com mãe e filho simultaneamente vivos. Esse montante representa 44,6% de toda a população feminina nesse intervalo etário. Percebe-se que, dentre todas as mulheres que contam com a cossobrevivência desses parentes, 8,2% residem simultaneamente com ambos. E, entre as que corresidentem com essas gerações, 8,2% estavam compartilhando o domicílio com ambas as gerações potencialmente demandantes.

Como anteriormente demonstrado, o ensanduichamento, tomando como definição a presença de mãe e filho potencialmente demandantes no domicílio, não é cenário típico na vida das mulheres em meia idade no Brasil. Observou-se que no momento do ciclo de vida com maior chance de demandas simultâneas no domicílio, apenas 11% das mulheres sob o risco de ensanduichamento estavam

de fato em tal situação. Esse resultado corrobora com achados de baixas prevalências de ensanduichamento entre os adultos estudados na literatura, como os apresentados por Pierret (2006), Höpflinger e Baumgartner (1999) e Evandrou *et al* (2002).

Tabela 7 – Frequência e distribuição relativa da população feminina de 15 a 69 anos de idade segundo cenários de cossobrevivência e coresidência com filho(s) e mãe. Brasil, 2008.

Grupos	Frequência	Percentuais		
População feminina 15 a 69 anos	68.803.202	100,0		
Mãe e filho cossobreviventes	30.661.100	44,6	100,0	
Mãe e filho coresidentes	2.511.815	3,7	8,2	100,0
Mãe e filho coresidentes e potencialmente demandantes	206.056	0,3	0,7	8,2

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

A coresidência de Ego com a geração de mãe e de filho pode ocorrer basicamente por três vias. A primeira delas é quando Ego ainda coresidia com sua mãe e teve seu próprio filho e assim, permaneceu no domicílio. A segunda, quando Ego não coresidia com a mãe, mas retorna ao domicílio da mãe, podendo ser essa uma estratégia ora mais benéfica a Ego e seu filho, ora à geração da mãe de Ego. A terceira via seria quando a mãe de Ego vai morar no domicílio de Ego, principalmente frente à viuvez ou devido ao agravamento de incapacidades. Alguns trabalhos apontam que atualmente, em grande medida, são os filhos e netos que vivem com os avós e não os avós que vivem com seus filhos adultos provedores (Bryson & Casper 1999, Pew Center 2010, Wajman 2012).

A partir de agora, o foco das análises são os grupos em cenários de coresidência, ditado em grande medida por ser a única informação disponível. Além das mulheres com idade entre 40 e 49 anos coresidentes com ambas as gerações potencialmente demandantes que podem ser classificadas como GS, deseja-se analisar também as mulheres que são mães de Ego, quando Ego tem entre 15 e 24 anos. Apesar de não se encaixarem na definição de GS *stricto sensu*, configuram um grupo de mulheres demandadas por duas gerações no domicílio.

A Tabela 8 apresenta uma comparação entre os rendimentos de Ego e de sua mãe e entre os grupos de Egos e mães. Esse tipo de análise serve como *proxy* para entender as direções de trocas realizadas no domicílio. Para o grupo de 15 a 24 anos, temos que o valor médio do rendimento mensal de todos os trabalhos de Ego representava 55,0% do valor médio do rendimento de suas mães. Entre as mulheres da GS, os rendimentos de todos os trabalhos eram 32,3% superiores ao valor médio de suas mães. Isso de certo modo comprova que no grupo mais jovem, há demanda por parte da geração de Ego, enquanto no grupo mais velho, a geração de Ego pode estar oferecendo apoio.

Tabela 8 – Rendimento mensal de todas as fontes para Ego e para a geração das mães de Ego, para os grupos de maior coresidência e de maiores demandas potenciais. Brasil, 2008.

Tipo de rendimento mensal	15 a 24 anos	Geração sanduíche	Razão dos grupos
Rendimento de todas as fontes de Ego (SM)	0,5	1,5	34,7%
Rendimento de todas as fontes da mãe de Ego (SM)	1,0	1,1	83,5%
Razão Ego/mãe	55,0%	132,3%	

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Nota: Rendimentos apresentados em salários mínimos (SM). Na data de referência da PNAD 2008, o salário mínimo era de R\$ 415,00.

Outro ponto que chama atenção é o diferencial entre os grupos. Os rendimentos do grupo de Egos jovens representam apenas 35% do valor observado para a GS. O mesmo diferencial se mantém, embora menos acentuado, para as gerações de mães de Ego. A mãe de um Ego jovem apresenta 83,5% do rendimento de uma mãe cuja filha é considerada GS.

A Tabela 9 também apresenta indicativos dos sentidos das transferências observados entre essas gerações coresidentes, considerando a família na qual Ego se encaixa. Na PNAD 2008, foi utilizada como definição de família:

“o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, que more na mesma unidade domiciliar ou pessoa que more só em uma unidade domiciliar” (Manual de Entrevista, Corpo Básico, 2008, p. 117).

Baseado nesse primeiro conceito, são definidas famílias conviventes “as famílias de, no mínimo, duas pessoas cada uma, que residam na mesma unidade domiciliar” (Manual de Entrevista, Corpo Básico, 2008, p. 118).

Segundo a Tabela 9, 81,0% das mulheres de 15 a 24 anos corresidentes simultaneamente com mãe e filho estavam concentradas na família secundária do domicílio. Já para GS, o que se observa é que 71,3% delas estão concentradas nas famílias principais do domicílio. Se tomarmos essa variável como outra *proxy* de responsabilidade pelo domicílio, concluímos que Egos jovens mais frequentemente moram com suas mães, enquanto a GS parece ter recebido suas mães, ou ao menos apresentam mais autonomia do que no caso das mulheres jovens. Essa é apenas uma suposição, já que não se pode compreender como se constitui o domicílio apenas com um retrato fornecido por uma pesquisa domiciliar em um ponto do tempo, sem qualquer informação de por quais trajetórias essas mulheres passaram.

Tabela 9 – Distribuição das mulheres que moram com mãe e filho(s) por número da família no domicílio a que pertencem. Brasil, 2008.

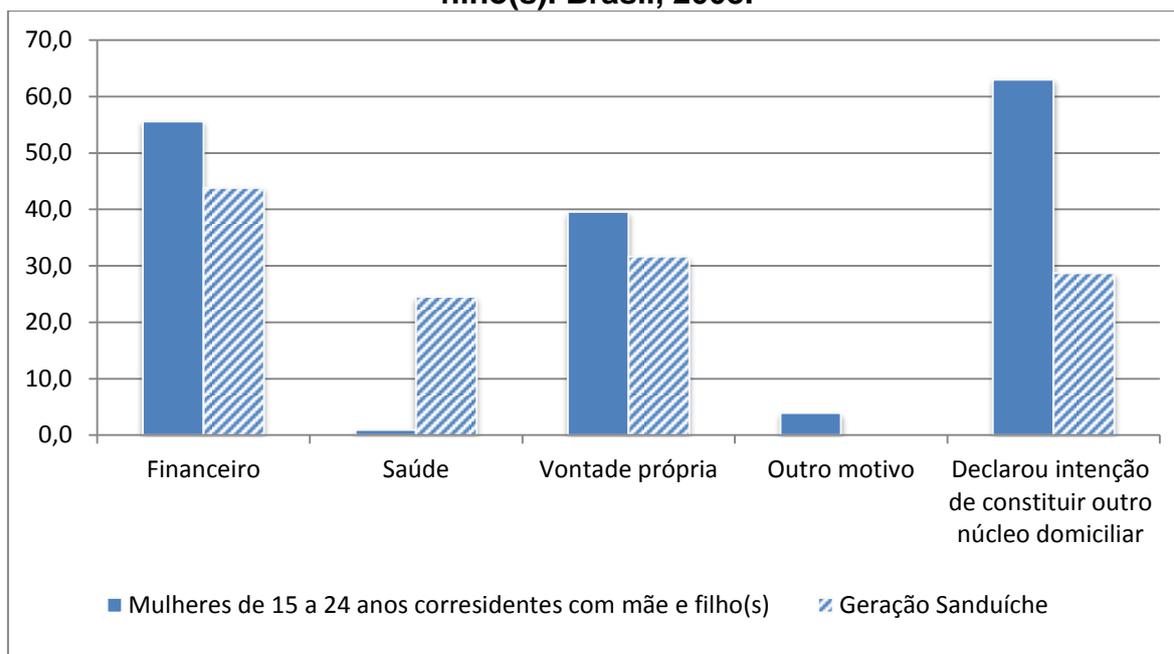
Número da família	15 a 24 anos	Geração sanduíche
	%	
Primeira	7,3	71,3
Segunda	81,0	26,6
Terceira ou mais	11,8	2,1

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Outro quesito com informações relevantes para o entendimento das relações de troca que ocorrem no domicílio é o “Principal motivo de morar neste domicílio com outra(s) família(s)”. Este quesito investiga a razão mais importante do morador, que é pessoa de referência da(s) família(s) convivente(s), residir no domicílio com outra(s) família(s) e é respondido pelas pessoas de 16 anos ou mais de idade, que eram pessoa de referência de família secundária. O quesito complementar diz respeito à intenção de se mudar e constituir outro domicílio. Este quesito investiga “se há intenção ou não do morador, que é a pessoa de referência das famílias secundárias, de constituir outro núcleo domiciliar a curto

ou médio prazo” (Manual de Entrevista, Corpo Básico, 2008, p. 131). Eles são apresentados conjuntamente no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Distribuição do principal motivo de morar no domicílio com outra(s) família(s) e intenção de constituir outro núcleo domiciliar a curto ou médio prazo da GS e das mulheres de 15 a 24 que corresidem com mãe e filho(s). Brasil, 2008.



Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Como se desprende da análise do Gráfico 5, tanto entre as mulheres de 15 a 24 anos, corresidentes com mãe e filho(s), quanto entre a GS, o principal motivo de morar no domicílio, enquanto família secundária é o financeiro, 55% e 44%, respectivamente. Em ambos os casos, o segundo principal motivo é “vontade própria”. Chama atenção o fato de que para cerca de um quarto das mulheres da GS, o motivo é saúde. Esse motivo listado entre os Egos jovens não alcança 1% do total dos casos. Além disso, um percentual menor entre as mulheres da GS declarou que pretendia se mudar do domicílio, cerca de 30%, contra mais de 60% entre as mulheres de 15 a 24 anos.

Feitas essas distinções, o que se deseja a partir desse ponto é caracterizar as mães de Ego, acreditando que essa análise também oferece subsídios para o

melhor entendimento dos sentidos das transferências dentro do domicílio. As mulheres que são mães de Egos jovens, no grupo de 15 a 24 anos, tem idade média de 47,2 anos, sendo que 80% delas se encontram no intervalo de 39 a 57 anos. Já as mães de Ego com idade entre 40 e 49 anos são naturalmente mais velhas, a idade média delas é de 72,6 anos. Nesse grupo, 80% das mães de Ego tem idade entre 63 e 83 anos. A escolha por um grupo que concentre 80% das mulheres deve-se ao fato da considerável amplitude das idades dessas mães, em ambos os casos.

A Tabela 10 apresenta algumas características sociodemográficas das mães de Egos com idade entre 15 e 24 anos e das mulheres médias do intervalo etário de 39 a 57 anos. Na comparação, percebe-se que as corresidentes com essas gerações são mais frequentemente as responsáveis pelo domicílio e não possuem cônjuge no domicílio. Um percentual mais elevado entre elas é de pardas, pretas e indígenas. E por fim, destaca-se uma menor escolaridade entre essas mulheres. Essas características chamam a atenção porque poderiam estar associadas à fecundidade das filhas jovens. Apesar dessas características socioeconômicas menos favoráveis, pode-se presumir que essas mães estão fornecendo apoio a suas filhas e netos.

Tabela 10 – Características sociodemográficas das mães de Egos jovens, com idade entre 15 e 24 anos e das mulheres médias do intervalo de 39 a 57 anos. Brasil, 2008

Características sociodemográficas	Mulheres corresidentes com filha de 15 a 24 anos e com neto(s)	Mulheres médias de 39 a 57 anos
É responsável pelo domicílio (%)	38,7	33,8
Tem cônjuge no domicílio (%)	62,5	72,5
Não brancas (%)	63,9	48,8
Anos médios de estudo	4,9	7,0

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Tabela 11 – Características sociodemográficas das mães de Egos com idade entre 40 e 59 anos e das mulheres médias do intervalo de 63 a 83 anos. Brasil, 2008.

Características sociodemográficas e econômicas	Mães da GS	Mulheres médias de 63 a 83 anos
É responsável pelo domicílio (%)	24,7	46,8
Tem cônjuge no domicílio (%)	18,0	32,0
Não brancas (%)	61,8	47,2
Anos médios de estudo	2,0	3,4

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

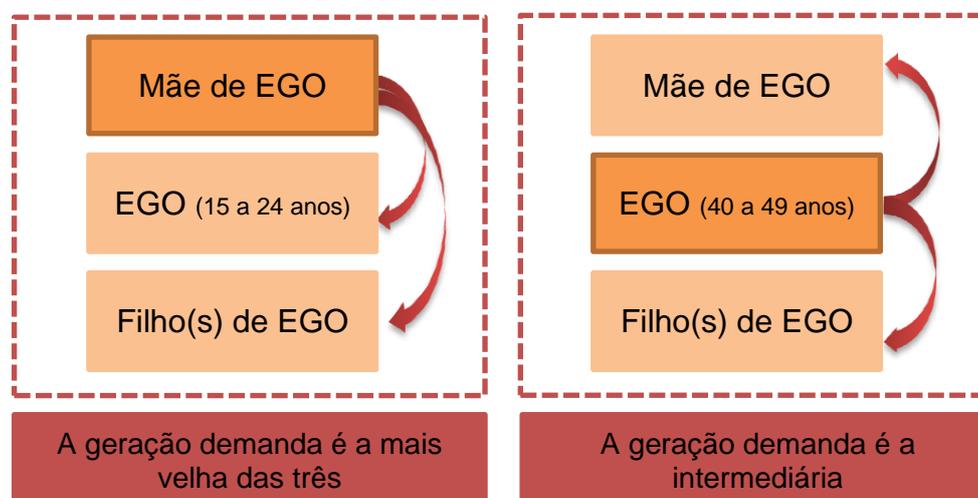
As mães das mulheres da GS são menos frequentemente as responsáveis pelo domicílio, apenas 24,7%, contra 46,8% das mulheres médias no intervalo analisado. Também é mais comum que elas não apresentem cônjuge no domicílio, embora não se possa analisar se já foram alguma vez casadas, já que tal quesito não foi investigado nessa PNAD. Chama atenção a elevada representação de não brancas entre as mães da GS. Em relação à escolaridade, percebe-se que as mulheres corresidentes com a geração de filhas e netos são menos escolarizadas (Tabela 11).

O que se depreende dessas análises são cenários distintos de coresidência e, conseqüentemente, do que essa coresidência pode significar enquanto estratégia dos grupos familiares. Apenas a ocorrência da coresidência não consegue ilustrar os tipos de troca de que se está tratando. O que os dados sugerem é termos dois grandes grupos muito distintos: o primeiro deles demandado por gerações apenas descendentes, o segundo comprimido entre demandas de ascendentes e descendentes. O primeiro caso é o das mulheres cujas filhas tiveram seus filhos ainda muito jovens. O segundo caso é representado pelas mulheres adultas que oferecem apoio a seus filhos e a sua mãe. Esses dois grupos e as direções mais prováveis de transferências entre as gerações estão representados na Figura 3.

Apesar de esses dois grupos de mulheres apresentarem a característica comum de terem, possivelmente, que lidar com demandas de duas gerações no domicílio, eles certamente não enfrentam as mesmas demandas. O segundo caso, que representa a definição clássica de Geração Sanduíche na literatura,

enfrenta não apenas as questões financeiras, mas questões relacionadas aos cuidados instrumentais demandados por suas mães; enquanto que, para o caso das gerações descendentes dependentes, a principal demanda deva ser monetária. Esse apoio monetário não implica necessariamente transferência de renda, mas o compartilhamento de uma ampla gama de itens necessários à sobrevivência, como casa, comida, e outros bens de uso comum no domicílio.

Figura 3 – Modelos prováveis de transferências observados no domicílio segundo a idade de Ego.



A seguir, serão apresentados os resultados das análises das três dimensões escolhidas da vida das mulheres da GS: condição de saúde, mercado de trabalho e atividade doméstica. Como GS está se considerando o grupo de mulheres de 40 a 49 anos corresidentes como mãe e filho(s) potencialmente demandantes. Esse intervalo de idade, como as análises apontaram, é o que a mulher possui maior chance de estar lidando simultaneamente com essas potenciais demandas no domicílio. As comparações que serão realizadas para essas três dimensões envolvem apenas as mulheres entre as idades de 40 a 49 anos, em cenário de coresidência com as gerações de mãe e filho(s), dentro do qual se encontram as mulheres da GS. Esse grupo foi gerado pelo terceiro recorte aplicado ao grupo de mulheres estudado. Assim, temos de um lado mulheres corresidentes com mãe e filho(s) que podem, em ambos os casos, não apresentar nenhuma das características previamente escolhidas como tendo potencial de

gerar demandas (ter 14 anos ou menos para os filhos e possuir ao menos alguma dificuldade para realizar atividades do dia-a-dia para as mães). E ainda os casos em que uma dessas gerações pode ser potencialmente demandante. De outro lado, temos as mulheres da GS propriamente ditas. O que se deseja testar para cada dimensão é se as mulheres da GS apresentam piores resultados quando comparadas a esse grupo de mulheres corresidentes com mãe e filho(s) sem demandas potenciais simultâneas.

Análise da condição de saúde

A hipótese que se deseja testar é se as mulheres da GS apresentam pior condição de saúde, quando comparadas àquelas mulheres corresidentes com mãe e filho, mas que não são simultaneamente demandantes. A condição de saúde foi analisada de maneira subjetiva, trata-se do estado de saúde definido a partir da auto avaliação da mulher. Os entrevistados na PNAD classificaram o seu estado de saúde como: “muito bom”, “bom”, “regular”, “ruim” ou “muito ruim”.

A Tabela 12 apresenta das distribuições dos estados de saúde relatados da GS e das demais mulheres de 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho(s). Parece haver diferenças entre as percepções de saúde dos grupos analisados. As mulheres da GS parecem relatar piores percepções sobre a própria saúde, quando comparadas ao grupo que reside com as gerações que não são simultaneamente potencialmente demandantes.

Tabela 12 – Percentual de avaliação do próprio estado de saúde como bom ou muito bom, para a GS e as mulheres 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho não potencialmente demandantes simultaneamente. Brasil, 2008.

Avaliação do próprio estado de saúde	Geração Sanduíche		Mulheres com mãe e filho corresidentes não demandantes	
	%	% acumulado	%	% acumulado
Muito bom	12,5	12,5	15,4	15,4
Bom	46,8	59,3	58,5	74,0
Regular	36,3	95,6	22,5	96,5
Ruim	3,2	98,8	3,2	99,7
Muito ruim	1,2	100,0	0,3	100,0
Total	100,0		100,0	

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

A variável auto percepção de saúde foi agrupada a fim de gerar uma nova variável, dicotômica. Foram definidas com saudáveis as mulheres que declararam como “muito bom” ou “bom” seu estado de saúde. E, conseqüentemente, foram categorizadas como não saudáveis aquelas que declararam estado de saúde “regular”, “ruim” ou “muito ruim”.

Percebe-se pela Tabela 13 que entre as mulheres da GS, cerca de 40% são consideradas como não saudáveis, ao passo que entre as demais mulheres corresidentes com mãe e filho, apenas 26%. O teste qui-quadrado revela ao nível de significância de 10% há evidências a favor da hipótese que as mulheres da GS apresentam percepção de saúde diferenciada daquelas mulheres em cenários de coresidência e que não enfrentam demandas simultâneas (p-valor = 0,080).

Tabela 13 – Percentual de avaliação de saúde, para a GS e as mulheres 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho não potencialmente demandantes simultaneamente. Brasil, 2008.

Avaliação do próprio estado de saúde	Geração Sanduíche	Mulheres com mãe e filho corresidentes não demandantes
Saudável	59,3	74,0
Não saudável	40,7	26,0
Total	100,0	100,0

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Apesar desse primeiro retrato sobre essa dimensão da vida das mulheres ser útil, é sabido que essa característica, a auto percepção de saúde, não está dissociada de outras características do indivíduo, como sua condição sociodemográfica, econômica e clínica. E é por esse motivo que o modelo de regressão foi empregado. Estimou-se um modelo de regressão logística para a variável resposta estado de saúde autodeclarado, sendo as opções as novas categorias geradas, saudável e não saudável.

Tabela 14 – Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas do modelo de regressão estimado para as mulheres de 40 a 49 com mãe e filho no domicílio. Brasil, 2008.

Variáveis	Observações	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Idade	774	43,85	2,82	40,00	49,00
Branços	774	0,47	0,50	0,00	1,00
Economicamente ativas	774	0,71	0,45	0,00	1,00
Presença de cônjuge	774	0,41	0,49	0,00	1,00
Doenças crônicas	774	0,76	1,06	0,00	5,00
Anos de escolaridade	774	8,68	4,22	0,00	15,00
Urbano	774	0,92	0,27	0,00	1,00
Mãe e filho potencialmente demandantes	774	0,11	0,32	0,00	1,00

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Tabela 15 – Distribuição relativa da variável Região, empregada no modelo de regressão estimado para as mulheres de 40 a 49 com mãe e filho corresidentes. Brasil, 2008.

Região	Observações	%
Norte	79	10,2
Nordeste	272	35,1
Sudeste	235	30,4
Sul	106	13,7
Centro-oeste	82	10,6
Total	774	100

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Tabela 16 apresenta o resultado do modelo de regressão logística estimado para a probabilidade de autodeclarar-se não saudável. Observam-se maiores chances de relatos de condição não saudável entre as mulheres em domicílios com menor renda domiciliar per capita, com menor escolaridade, sem cônjuge com maior número de doenças crônicas. O status de economicamente ativas apresenta-se associado a uma menor chance classificação como não saudáveis.

A variável de interesse, pertencimento à GS não apresentou resultado significativo. Assim, concluímos que a hipótese inicialmente levantada de que a GS apresenta piores resultados de saúde, não se comprova empiricamente com as atuais fontes de dados.

Tabela 16 – Coeficientes estimados a partir de modelo logístico para a probabilidade de declarar a própria saúde como muito ruim ou ruim, para as mulheres de 40 a 49 anos com mãe e filho(s) vivos. Brasil, 2008.

	Coeficiente	Desvio Padrão	P>z
Mãe e filho potencialmente demandantes	0,284	0,295	0,336
Logaritmo natural da renda domiciliar per capita	-0,748 ***	0,191	0,000
Idade (anos)	-0,016	0,039	0,688
Raça/ cor branca	-0,248	0,223	0,266
Anos de estudo	-0,050 *	0,029	0,083
Presença de cônjuge	-0,376 *	0,218	0,085
Economicamente ativas	-0,640 ***	0,213	0,003
Número de doenças crônicas	0,884 ***	0,100	0,000
Região (Ref. Norte)			
Nordeste	-0,352	0,402	0,381
Sudeste	-0,390	0,395	0,323
Sul	-0,561	0,485	0,248
Centro-oeste	-0,397	0,474	0,402
Urbano	-0,052	0,395	0,895
Constante	4,858 **	1,938	0,012
Número de observações	774		
Log-similaridade	-175.497,47		
Pseudo R ²	0,212		

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Nota: *** significativo a 1% **significativo a 5% * significativo a 10%

Análise da inserção no mercado de trabalho

A Tabela 17 apresenta as taxas de atividade econômica e de ocupação de mulheres de 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho(s), segundo pertencimento às GS. Entre as mulheres da GS, a taxa de atividade é de 66,6%, enquanto para as mulheres que não o são, essa taxa é de 71,8%. O teste Qui-quadrado demonstrou que não existe associação entre ser da GS e o status de atividade econômica (p-valor = 0,274). Em outras palavras, o pertencimento à GS não se associa a menor participação no mercado de trabalho, como foi suposto inicialmente. A diferença encontrada é com relação à ocupação. As mulheres da GS apresentam uma elevada taxa de ocupação, mais de 99%, quando comparadas às mulheres da mesma idade, corresidentes com mãe e filho e que

não são classificadas como GS (93,8%). O teste Qui-quadrado demonstrou que essa variável, status ocupacional, tem associação significativa como o pertencimento à GS (p -valor = 0,045).

Tabela 17 – Taxa de atividade econômica e de ocupação da GS e das mulheres 40 a 49 anos corresidentes com mãe e filho não potencialmente demandantes simultaneamente. Brasil, 2008.

Taxas	Geração Sanduíche	Mulheres corresidentes com mãe e filho(s) sem que ambas geração sejam simultaneamente potencialmente demandantes
Taxa de atividade (%)	66,6	71,8
Taxa de ocupação (%)	99,8	93,8

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Por questões amostrais, não foi possível estimar um modelo que comparasse esse dois grupos. Como a taxa de ocupação é muito próxima a 100% entre as mulheres da GS, os cruzamentos necessários entre a variável status ocupacional e as demais variáveis explicativas foram comprometidos.

A Tabela 18 apresenta algumas estatísticas descritivas do rendimento mensal de todos os trabalhos e média do número de horas trabalhadas por semana, para o grupo de mulheres de 40 a 49 anos, corresidentes com mãe e filho(s) e ocupadas na semana de referência.

Na média, as mulheres da GS têm como rendimento médio de todos os trabalhos 2,1 SM, ao passo que para as mulheres corresidentes com mãe e filho que não são da GS, esse valor é de 2,3 SM. As mulheres da GS ocupadas dedicam menos horas ao mercado de trabalho, entretanto, possuem maior rendimento/hora quando comparadas às mulheres que não enfrentam tais demandas. Apesar disso, o percentual entre elas que tinham a carteira assinada na semana de referência era menor, o que significa que entre as mulheres da GS há maior proporção de mulheres no setor informal.

Tabela 18 – Estatísticas descritivas de característica de inserção no mercado de trabalho para as mulheres de 40 a 49 ocupadas na semana de referência, segundo pertencimento às GS. Brasil, 2008.

Estatísticas		Geração Sanduíche	Mulheres com mãe e filho corresidentes que não são simultaneamente potencialmente demandantes
Média		2,1	2,3
Desvio padrão		4,8	3,4
Percentis	10%	0,0	0,3
	25%	0,6	1,0
	50%	1,1	1,4
	75%	1,9	2,4
	90%	3,6	4,8
Número médio de horas de trabalho semanal		34,7	38,4
Rendimento/hora médio		31,7	25,6
Tem carteira assinada (%)		55,3	62,6

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Nota: Rendimentos apresentados em salários mínimos (SM). Na data de referência da PNAD 2008, o salário mínimo era de R\$ 415,00.

As Tabelas 19 e 20 apresentam os resultados dos modelos de regressão linear simples estimados para os rendimentos de todos os trabalhos e para o salário/hora de todos os trabalhos. Em ambos os modelos, verifica-se que não há diferenças significativas entre as mulheres da GS e aquelas que estão compartilhando o domicílio, mas não enfrentam demandas simultâneas. Quando comparadas mulheres com mesma idade, nível de escolaridade, presença de cônjuge, posição na ocupação, anos de experiência, horas de afazeres domésticos, região e situação do domicílio, os efeitos negativos sobre a GS deixam de ser significativos. Isso significa que não é o ensanduichamento o responsável pelos resultados encontrados para valor de salário e de salário hora.

Com os resultados até então apresentados, refuta-se a hipótese de que as condições relativas ao mercado de trabalho sejam piores entre aquelas mulheres que corresidentem com suas mães e filho(s).

Tabela 19 – Resultado do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento de todos os trabalhos para mulheres de 40 a 49 anos com mãe filho do domicílio. Brasil, 2008.

	Coefficiente	Erro padrão	P>t
Idade simples	0,470	0,388	0,226
Idade ao quadrado	-0,005	0,004	0,242
Branças	0,204 **	0,084	0,015
Presença de cônjuge no domicílio	0,187 **	0,075	0,013
Anos de estudo	0,072 ***	0,011	0,000
Posição na ocupação (Ref. Empregada com carteira de trabalho assinada)			
Funcionária pública ou militar	0,092	0,094	0,326
Outra empregada sem carteira de trabalho assinada	-0,062	0,112	0,578
Trabalhadora doméstica	-0,355 ***	0,089	0,000
Trabalhadora por conta própria ou empregadora	-0,372 ***	0,125	0,003
Outra	0,830 ***	0,196	0,000
Anos de experiência	0,022 ***	0,005	0,000
Horas de afazeres domésticos	-0,016 ***	0,003	0,000
Região (Ref. Norte)			
Nordeste	-0,417	0,136	0,002
Sudeste	-0,095	0,134	0,479
Sul	-0,126	0,159	0,428
Centro-oeste	0,127 ***	0,163	0,436
Urbano	0,364	0,128	0,005
Mãe e filho potencialmente demandantes	-0,093	0,139	0,504
Constante	-5,063 ***	8,541	0,554
Número de observações	435		
R ²	65,40%		

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Tabela 20 – Resultado do modelo de regressão linear para o logaritmo do rendimento/hora de todos os trabalhos para mulheres de 40 a 49 anos com mãe e filho no domicílio. Brasil, 2008.

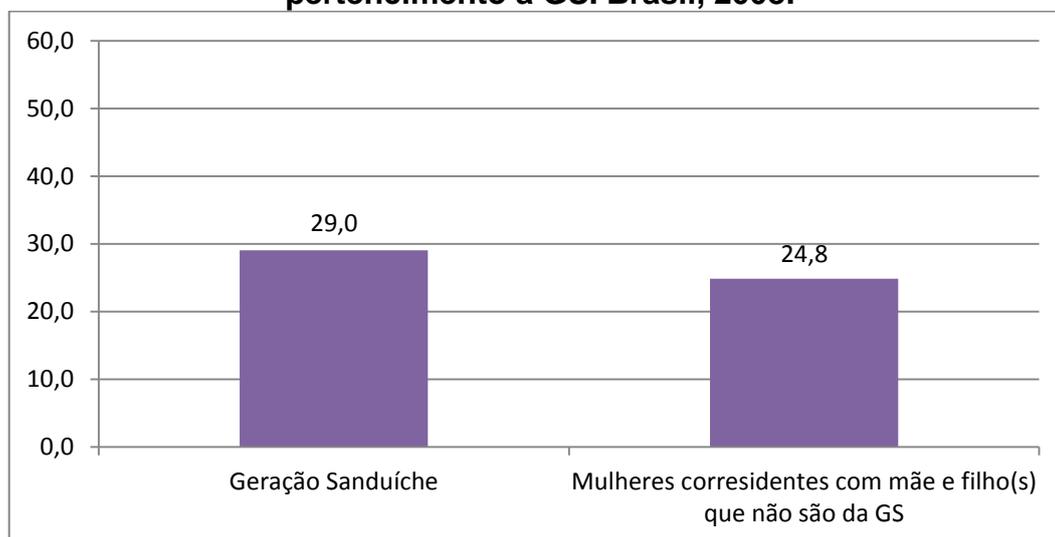
	Coefficiente	Erro padrão	P>t
Idade simples	0,682	0,426	0,226
Idade ao quadrado	-0,007	0,005	0,242
Branças	0,135 **	0,093	0,015
Presença de cônjuge no domicílio	0,126 **	0,084	0,013
Anos de estudo	0,077 ***	0,012	0,000
Posição na ocupação (Ref. Empregada com carteira de trabalho assinada)			
Funcionária pública ou militar	0,158	0,096	0,326
Outra empregada sem carteira de trabalho assinada	-0,063	0,145	0,578
Trabalhadora doméstica	-0,207 ***	0,087	0,000
Trabalhadora por conta própria ou empregadora	0,039 ***	0,134	0,003
Outra	0,695 ***	0,168	0,000
Anos de experiência	0,018 ***	0,006	0,000
Horas de afazeres domésticos	-0,004 ***	0,004	0,000
Região (Ref. Norte)			
Nordeste	-0,319	0,137	0,002
Sudeste	-0,038	0,147	0,479
Sul	0,042	0,186	0,428
Centro-oeste	0,114 ***	0,155	0,436
Urbano	0,327	0,103	0,005
Mãe e filho potencialmente demandantes	0,000	0,181	0,504
Constante	-13,755 ***	9,429	0,554
Número de observações	435		
R ²	65,40%		

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Análise da atividade doméstica

O Gráfico 6 apresenta o número médio de horas dedicadas normalmente por semana aos afazeres domésticos. Nota-se que entre as mulheres da GS, a quantidade horas de atividade doméstica é maior. As mulheres da GS realizam em média 29,0 horas de atividade doméstica por semana, ao passo que as mulheres que corresidem com suas mães e filhos, mas essas gerações não são demandantes, apenas 24,8 horas.

Gráfico 6 – Número médio de horas dedicadas normalmente por semana aos afazeres domésticos pelas mulheres de 40 a 49 anos, segundo o pertencimento à GS. Brasil, 2008.

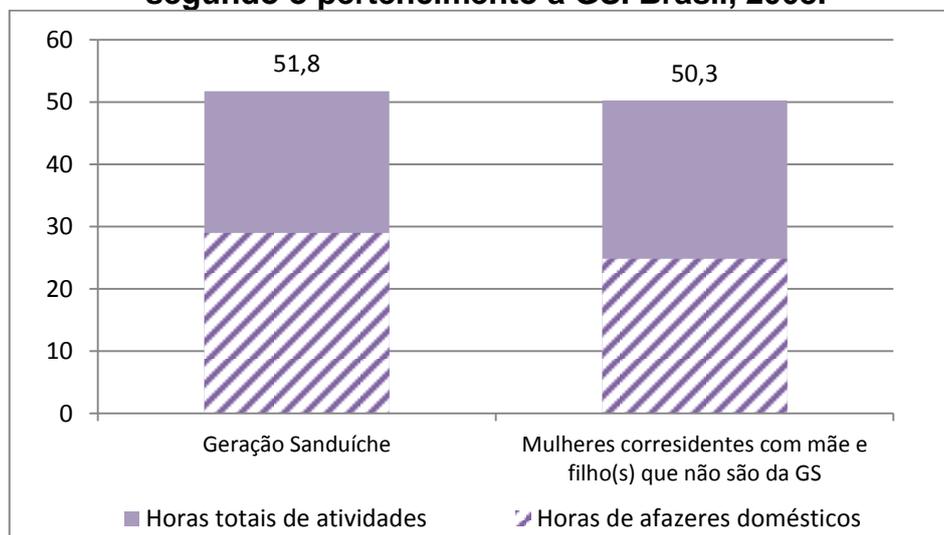


Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

As horas disponíveis para a prática de atividade doméstica estão intimamente ligadas às horas dedicadas ao mercado de trabalho. Como apresentado anteriormente, as mulheres da GS dedicam menos horas ao mercado de trabalho. Dedicar menos horas ao mercado de trabalho pode significar que a mulher teria mais tempo para as atividades domésticas. Entretanto, a análise em sentido contrário também é plausível, mais horas de atividade doméstica levam a menos horas livres para o mercado de trabalho. O fato é que não se pode estabelecer uma relação de causalidade entre essas duas dimensões.

O Gráfico 7 apresenta o tempo total dedicado às duas atividades, a doméstica e de participação no mercado de trabalho. O tempo total dedicado a essas atividades pelas mulheres da GS é ligeiramente superior, 51,8 horas. Entretanto, percebe-se que esse tempo total é maior por maior carga de atividade doméstica. Esse é um indício de como as mulheres são afetadas por fazerem parte da GS. As demandas existentes no domicílio, que no caso são provenientes de filhos pequenos e de mães com necessidades de apoio instrumental, geram sobrecarga em termos de atividades realizadas no domicílio.

Gráfico 7 – Número médio de horas totais dedicadas aos afazeres domésticos e ao mercado de trabalho pelas mulheres de 40 a 49 anos, segundo o pertencimento à GS. Brasil, 2008.



Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Vale lembrar que, como discutido no capítulo metodológico, as atividades de cuidado com o idoso não deveriam ser contabilizadas como atividade doméstica. Interessante notar que o cuidado com filhos sim, mas não o cuidado com idosos. Assim, o número de horas de afazeres domésticos pode ser maior do que o que foi de fato aferido. As pesquisas domiciliares são atualmente a mais importante fonte para o estudo das famílias e apresentam uma série de limitações. Talvez seja o momento de colocar em questão o que de fato deve ser considerado como atividade doméstica.

Em resumo, o que se desprende da análise conjunta das condições de saúde, inserção no mercado de trabalho e atividade doméstica para a GS é que de fato se encontra algum efeito negativo associado ao pertencimento a essa geração, mas a magnitude desse efeito parece ser pequena. Como discutido na revisão literatura, é possível encontrar efeitos significativos, que diferenciem as mulheres que não da GS daquelas que não são, mas isso não significa que elas estejam em situações muito piores.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se analisar a Geração Sanduíche no Brasil, discutindo-se as situações de cossobrevivência e coresidência e de potencial dependência entre três gerações.

A revisão da literatura procurou demonstrar que o estudo dessa geração conta com uma gama de trabalhos na literatura internacional. Resumidamente, esses trabalhos buscam entender quais são as implicações do pertencimento a essa geração na vida dos adultos analisados. De um lado, autores defendem efeitos negativos sobre o bem-estar desses adultos. Por outro lado, alguns autores acreditam que os efeitos podem ser amenizados por uma série de fatores, tais como mudanças demográficas que diminuam as demandas e apoio mútuo entre as gerações.

Esta revisão demonstrou que muito pouco tem se debatido sobre essa geração no Brasil. A falta desse tipo de discussão pode ter sua raiz na escassez de dados e essa escassez ficou evidente neste trabalho. Por um lado, dispomos de uma evolução na captação de relações observadas dentro do domicílio, como ocorreu no último Censo brasileiro realizado. Por outro lado, apesar das evoluções das pesquisas no âmbito domiciliar, praticamente nenhum passo foi dado rumo a um melhor entendimento de relações que extrapolam esse limite físico.

Em função das condições demográficas, nunca antes os adultos brasileiros puderam contar com tamanha disponibilidade de parentes ascendentes. Entretanto, essa disponibilidade só pode ser medida, ao menos de maneira direta, para as mães. Nas pesquisas domiciliares esse é o único parentesco do qual se tem informação para além do domicílio. Isso fez com que esse trabalho considerasse apenas a possibilidade de trocas com essa geração ascendente, de mães.

Apesar dessas limitações, esse estudo lança luz sobre o debate ao demonstrar, em primeiro lugar, de quais e quantas mulheres estamos falando quando tratamos de Geração Sanduíche no Brasil.

Demonstrou-se que os picos de disponibilidade, coresidência e demandas simultâneas não se dão nos mesmos ao longo do ciclo de vida das mulheres analisadas. O momento de maior oferta simultânea das gerações é dos 30 aos 39 anos, entretanto, não é este o intervalo em que a coresidência com essas gerações é mais provável. A maior prevalência de coresidência com ambas as gerações é entre as mulheres de 15 a 24 anos. Além disso, evidenciou-se que o intervalo etário de maior potencialidade de gerar demandas é de 40 a 49 anos.

Como os dados para o estudo das transferências, mesmo as intradomésticas, são escassos nas pesquisas domiciliares, este trabalho optou por analisar as demandas apenas segundo duas variáveis, a idade do filho coresidente e a condição de saúde, como captada pela PNAD. Considerando apenas essas duas variáveis, percebe-se que a simultaneidade das demandas é pequena e por um curto período do ciclo de vida, concentrado entre os 40 e 49 anos. Esse parece ser o grupo que melhor descreve a GS segundo os conceitos discutidos na literatura aplicados ao caso do Brasil: o grupo de mulheres de 40 a 49 anos, que possuem, no domicílio, a geração de mãe com dificuldades de realizar atividades do dia-a-dia e filhos jovens, com 14 anos ou menos.

Observou-se que, no momento do ciclo de vida com maior chance de demandas simultâneas no domicílio, apenas 11% das mulheres sob o risco de ensanduichamento estavam de fato em tal situação. Esse resultado corrobora com achados de baixas prevalências de ensanduichamento entre os adultos estudados na literatura, como os apresentados por Pierret (2006), Höpflinger e Baumgartner (1999) e Evandrou *et al* (2002).

Também foi pontuada a existência de um grupo de mulheres demandas por duas gerações, entretanto, ambas descendentes: a geração de filhas com idades entre 15 e 24 anos e a geração dos netos. Apesar de essas mulheres não estarem posicionadas entre essas gerações, no modelo multigeracional

apresentado na literatura, essas mulheres oferecem apoio a duas gerações, ambas descendentes. Para um percentual relativamente expressivo dessas mulheres corresidentes com filhos e netos, cerca de 7%, observa-se também a presença da geração de suas próprias mães no domicílio. Essas mulheres, que compartilham o domicílio com mais três gerações, certamente devem ser classificadas como Geração Sanduíche. Pennec (1997) e Goldstein *et al* (2012) consideram como geração “ensanduichada” não apenas aqueles adultos entre pais e filhos, mas entre pais, filhos e netos. Acreditamos que esse grupo, que neste trabalho foi pouco explorado, deve ser inserido na agenda de estudos futuros sobre a GS.

Por fim, o que esse trabalho sustenta é que o pertencimento à GS não necessariamente se converte em cenários piores para a vida da mulher. Demonstrou-se que, do ponto de vista da saúde e das condições no mercado de trabalho, não há diferenciais significativos entre as mulheres que são dessa geração e aquelas que corresidem com mãe e filho(s) sem que existam demandas potenciais concomitantes por parte dessas gerações. As diferenças encontradas referem-se à atividade doméstica. As mulheres da GS possuem uma carga maior de afazeres domésticos e com isso, o tempo total dedicado ao mercado de trabalho e às atividades domésticas é levemente superior para a GS, o que significa que essas mulheres teriam relativamente menos tempo livre do que as demais analisadas.

Apesar disso, cabe lembrar que as possibilidades de análise são muito reduzidas com as atuais fontes de dados. O que se pode afirmar é apenas acerca do pouco que se pode medir. É impossível, com os dados dos quais dispomos, encontrar as mulheres da GS que fornecem cuidados fora do domicílio, para as quais não sabemos praticamente nada. Talvez fornecer esse apoio fora do domicílio seja mais demandante, em termos de engajamento e tempo, do que o realizar no próprio domicílio, onde, por uma questão de ordem prática, as demandas podem ser atendidas prontamente.

Dentro das possibilidades oferecidas pelas PNADs, existe uma série de análises que ainda podem ser feitas. Falta um estudo mais detido sobre as condições de saúde da mãe da GS. Neste trabalho optou-se por usar como *proxy* para demanda potencial apenas as dificuldades de realizar atividades do dia-a-dia. A PNAD traz uma série de informações sobre saúde que ainda precisam ser exploradas para essa geração. Embora se deva reconhecer que mesmo de posse dessas informações na PNAD, não se possa medir as demandas psicológicas, que podem representar importantes desafios para a GS, talvez tão importantes quanto os enfrentados pela ajuda instrumental oferecida nas atividades do dia-a-dia.

Ainda é possível explorar mais características da geração de filhos, avaliar de quantos filhos a GS está cuidando, se em alguma medida esses filhos são afetados por terem uma geração que compete pelos cuidados da GS. Também é possível avaliar o efeito da presença ou não do cônjuge da mulher da GS no domicílio. E por fim, ainda existe a necessidade de explorar as transferências de cuidados para outros membros da família presentes no domicílio, como os cônjuges, os pais da GS e sogro(s) que muito comumente também devem ser auxiliados pelas mulheres de meia idade no Brasil.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, S. M., V. J. HOTZ, K. MCGARRY, e J. A. SELTZER. "Intergenerational Ties: Theories, Trends, and Challenges." In A. Booth, N. Crouter, S. Bianchi, and J. Seltzer (eds.) *Intergenerational Caregiving*. Washington DC: Urban Institute Press. 2008

BRODY, E. M. "Women in the middle" and family help to older people. *The Gerontologist* 21 (5): 471-480. 1991.

BRODY, E. M. *Women in the middle: Their parent-care years*. New York: Springer. 1991

BUMPASS, L, R. KELLY, L. e SWEET, J. A. "The Changing Character of Stepfamilies: Implications of Cohabitation and Nonmarital Childbearing". *Demography* 32(3): 425-436. 1995.

CAMARANO, A. A. *et al.* "Como vive o idoso brasileiro?", in CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARANO, A.A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006 (332 páginas).

CHERLIN, A e FURSTENBERG, Jr. "Stepfamilies in the United States: A Reconsideration". *Annual Review of Sociology* 1994. 20: 359-381.

COELHO FILHO, JM.; RAMOS, LR. Epidemiologia do Envelhecimento no Nordeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**; v.33, n.5, p. 445-53, 1999.

COWARD, R. T, & DWYER, J. W. (1990). The association of gender, sibling network composition, and patterns of parent care by adult children. *Research on Aging*, 12,158-181. C

DORESS-WORTERS PB: Adding elder care to women's roles: A critical review of the caregiver stress and multiple roles literatures. *Sex Roles*; 1994; 31: 597-616.

ESPING-ANDERSEN, G. (1999). *Social foundations of postindustrial economies*. Oxford: Oxford University Press

EVANDROU, M., GLASER, K. & HENZ, U. (2002). Multiple role occupancy in midlife: Balancing work and family life in Britain. *The Gerontologist* 42(6): 781-789.

FINGERMAN, K.L., et al. Who Gets What and Why? Help Middle-Aged Adults Provide to Parents and Grows Children. **Journal of Gerontology: Social Sciences**. V. 66, n.1, p-87-98, 2010.

GRUNDY, E. e JC. HENRETTA . Between elderly parents and adult children: a new look at the intergenerational care provided by the 'sandwich generation'. *Ageing and society*, 26, 2006.

GUIGINSKI, J T. WAJNMAN. S. Composição Etária Domiciliar e o Acesso ao Trabalho das Mulheres Adultas – Brasil 2000 E 2010. XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014.

HENRETTA, JC. et al. Socioeconomic differences in having living parents and children: A US-British comparison of middle-aged women. **Journal of marriage and the family**, v.63, n.3. p.852-867, 2001.

HEREDIA, VB. et al. Impactos da longevidade na família multigeracional. *Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, 2007.

HÖPFLINGER, F. & BAUMGÄRTNER, D. (1999). "Sandwich-Generation": Metapher oder soziale Realität? ["Sandwich-generation": Metaphor or social reality?]. *Zeitschrift für Familienforschung* 11(3): 102-111.

JESUS, JC; WAJNMAN, S.: Mulheres das Gerações Sanduíche No Brasil: Uma análise a Partir de dados censitários. VI Congresso da Associação Latino-americana de População realizado em Lima- Peru, de 12 a 15 de agosto de 2014.

KAHN, JR; CLARADY, C.; BIANCHI, S. "The Reconfigured Sandwich: A Fresh Look at Support from the Middle Generation." PAA, 2014.

KENNEDY, S.; RUGGLES, S. (2012). Single Parenthood and Intergenerational Coresidence in Developing Countries. *2012 European Population Conference (extended abstract)*. Stockholm.

KRAMER, B. J. Gain the caregiving experience: Where are we? What next? *The Gerontologist*, 37, 218-232. 1997

KÜNEMUND, H. Changing Welfare States and the "Sandwich Generation": Increasing Burden for the Next Generation? In: ANDERSSON, L. *International Journal of Ageing and Later Life*. Linköping University Electronic Press. Vol. 1, No. 2, pp 11-30. 2006.

LOOMIS, Laura Spencer e BOOTH, Alan. Multigenerational Caregiving and Well-Being:: The Myth of the Beleaguered Sandwich Generation *Journal of Family Issues* March 1995 16: 131-148, doi:10.1177/019251395016002001

MARKS F. Does It Hurt to Care? Caregiving, Work-Family Conflict, and Midlife Well-Being. *Journal of Marriage and the Family*, Volume 60, Issue 4. Nov., 1998, 951-966.

MASON, C. and ZAGHENI, E. The Sandwich Generation: Demographic Determinants of Global Trends". Paper presented at the 2014 Annual Meeting of the Population Association of America, Boston.

MERZ, Eva-Maria. SCHULZE, Hans –Joachim; SCHUENGEL Carlo. **Consequences of Filial Support for Two Generations: A Narrative and Quantitative Review.** *Journal of Family Issues.* November 2010 31: 1530-1554, first published on March 22, 2010doi:10.1177/0192513X10365116

MILLER, D. A. "The 'sandwich' generation: Adult children of the aging." *Social Work* (September): 419-423. 1981

MINIÑO AM, Murphy SL, Xu J, Kochanek KD. *Deaths: Final Data for 2008.* National Vital Statistics Reports, 52 (10). Hyattsville, MD: National Center for Health Statistics. 2011.

MOTTA, AB. . A família multigeracional e seus personagens. *Educ. Soc., Campinas*, v. 31, n. 111, p. 435-458, abr.-jun.2010.

NICHOLS, L. S. & Junk, V. W. The sandwich generation: Dependency, proximity, and task assistance needs of parents. *Journal of Family and Economic Issues* 18 (3): 299-326. 1997.

PAVARINI, SC et al. Família e vulnerabilidade social: um estudo com octogenários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, Junho/2009.

PIERRET C R: The Sandwich Generation: Intra-family Transfers among Middle-Aged American Women. Working paper No.20. Conference of European Statisticians. ECE Work Session on Gender Statistics. Geneva, Switzerland, 23-25 September 2002

PIERRET, CR., The "Sandwich Generation": Women Caring for Parents and Children, **Monthly Lab. Rev.**, v.3, p.3-4, Sept. 2006.

REMMENICK LI: Women of the „sandwich“ generation and multiple roles: the case of Russian immigrants of the 1990s in Israel. *Sex Roles: A Journal of Research*; 2000.

ROOTS, C. R. *The sandwich generation: Adult children caring for aging parents.* New York: Garland Publications Settersten, Richard A. Jr. & Barbara Ray. 2010. "What's Going on with Young People Today? The Long and Twisting Path to Adulthood." *Future of Children* 20(1):19-42. 1998

ROSENTHAL, C. J., MARTIN-MATTHEWS, A. & MATTHEWS, S. H. Caught in the middle? Occupancy in multiple roles and help to parents in a national probability sample of Canadian adults. *Journal of Gerontology: Social Sciences* 51B(6): S274-S283. 1996

SCHOENI RF, ROSS KE. 2005. Material Assistance Received from Families during the Transition to Adulthood. In *On the Frontier of Adulthood: Theory, Research, and Public Policy*, ed. RA Settersten Jr., FF Furstenberg Jr., R Rumbaut. Chicago: Univ. of Chicago Press

SETTERSTEN, R. RAY, B.E. **Not Quite Adults: Why 20-Somethings Are Choosing a Slower Path to Adulthood, and Why It's Good for Everyone.** 2010. Random House Publishing Group.

SIRONI M., FURSTENBERG F. (2012), "Trends in Economic Independence of Young Adults in the United States: 1973-2007", *Population and Development Review*, 38(4) 609-630.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300004&lng=pt&nrm=iso>.

SPITZE Glenna, Logan JOHN R, Joseph GENEVIEVE, Lee EUNJU. Middle Generation Roles and the Weil-Being of Men and Women. *Journal of Gerontology: Social Sciences*.1994;49:S107–S116.

The American Association for Retired Persons (AARP). "In the Middle: A Report on Multicultural Boomers Coping With Family and Aging Issues " download em: http://research.aarp.org/il/in_the_middle.shtml.

The Sandwich Generation: An exploration of the affective and financial impacts of dual caring, June 2013, Ipsos MORI. Download em: <https://www.moneyadvice.service.org.uk/files/sandwich-generation-report-final-100613.pdf>

TOMAS, C. LIMA, E. QUEIROZ, B. The sandwich generation in Brazil: demographic determinants and implications. Paper presented at the 2014 Annual Meeting of the Population Association of America, Boston. 2014.

UCHINO, B. N., CACIOPPO, J. T., & KIECOLT-GLASER, J. K. (1996). The relationship between social support and physiological processes: A review with emphasis on underlying mechanisms and implications for health. *Psychological Bulletin*, 119, 488-531

VICENTE, HT., Sousa, L. Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n.1, p.99-117, 2012.

VITOR, JF. et al. Perfil sociodemográfico e clínico de idosos atendidos em Unidade Básica de Saúde da Família. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.22, v.1, p-49-54, 2009.

WAJNMAN, Simone. Demografia das Famílias e dos Domicílios Brasileiros. Tese – FACE/UFMG. Belo Horizonte, 2012, 161 p.

WIEMERS, E; BIANCHI, S. M. 2013. "Sandwiched between aging parents and boomerang kids in two cohorts of American women." Paper presented at the 2013 annual meeting of the Population Association of America. Also available as

Working Paper 2014-16, Department of Economics, University of Massachusetts, Boston.

ZAL, M. H. (1992). *The sandwich generation: Caught between growing children and aging parents*. New York: Plenum Press.